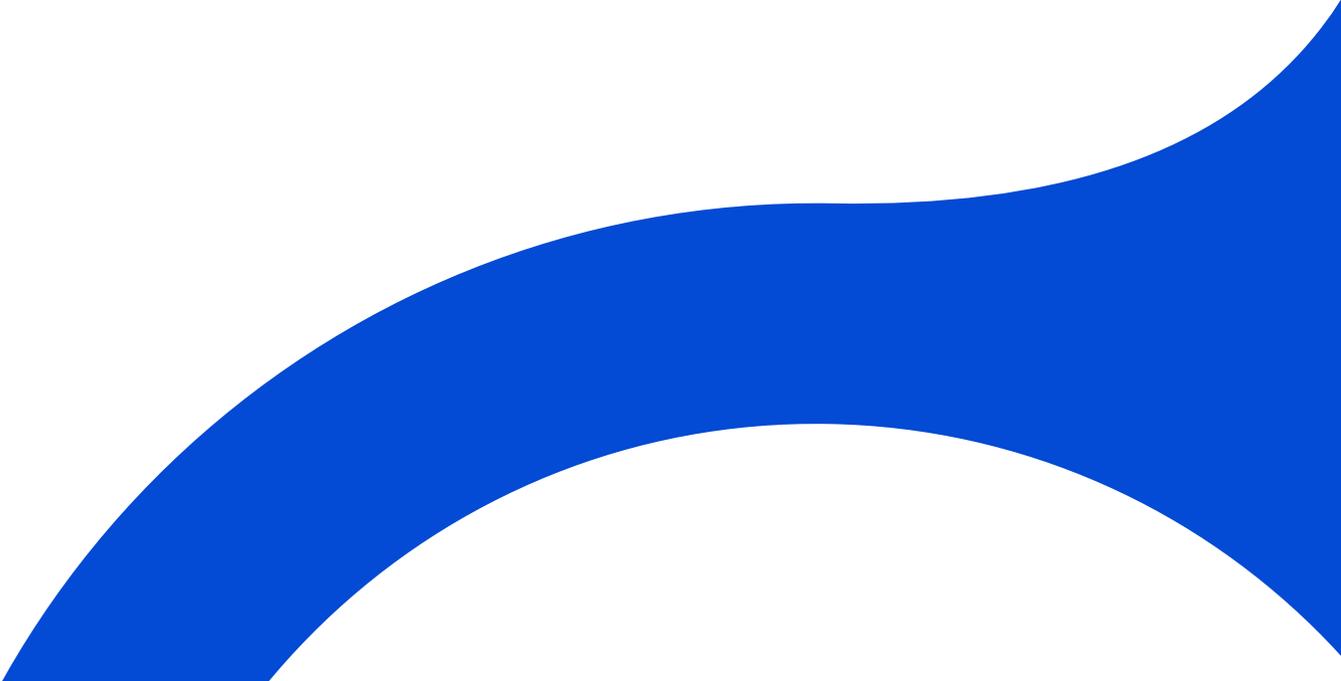




Filantropando

Oxigenando boas ações

O Futuro da Filantropia no Brasil:
Contribuir para a Justiça Social e Ambiental



Patrocínio:



“ A filantropia é a
responsabilidade
de retribuir a partir
de uma condição
privilegiada. ”

– Filantropo

Contents

PREFÁCIO	8
INTRODUÇÃO	10
SUMÁRIO EXECUTIVO	12
1. CONTEXTO E MOTIVAÇÕES	18
▶ Explorando a filantropia brasileira	
▶ Definindo a filantropia	
▶ Explorando as motivações para a filantropia	
2. ESTIMATIVA DE DOAÇÃO	24
▶ Estimativa da doação total no Brasil	
▶ Descrevendo as doações dos não ricos	
▶ Discutindo a doação dos ricos	
3. DESENVOLVIMENTOS EM FILANTROPIA	30
▶ Indo além da filantropia corporativa, em direção à filantropia familiar	
▶ Diversificando os campos e temas	
▶ Foco no aumento da concessão de subsídios	
▶ Maior foco em investimentos de impacto social	
4. O PAPEL DA FILANTROPIA	36
▶ Debatendo a natureza da filantropia	
▶ Discutindo o papel do governo e a capacidade de influência da filantropia	
▶ Explorando o papel da filantropia na política e na democracia	
5. IGUALDADE NA FILANTROPIA	42
▶ Promoção da igualdade racial e de gênero	
▶ Abraçando a filantropia baseada em confiança e priorizando o conhecimento local	

6. FILANTROPIA E MUDANÇA SISTÊMICA	48
▶ Reconhecendo o privilégio	
▶ Abordando a dinâmica do poder	
▶ Apoio à mudança sistêmica em campos específicos	
▶ Abordando a desigualdade por meio da mudança sistêmica	
7. SETOR FILANTRÓPICO	58
▶ Profissionalização do setor filantrópico	
▶ Desenvolvimento do setor sem fins lucrativos e da sociedade civil	
8. O CRESCIMENTO DA FILANTROPIA	66
▶ Aumentar a colaboração de maneira significativa	
▶ Alinhando o cenário jurídico e fiscal	
9. PROMOVEDO A FILANTROPIA	76
▶ Promovendo uma cultura de doação	
▶ Fomentando o aprendizado e desenvolvimento de filantropos	
▶ Aumentando a visibilidade dos modelos filantrópicos	
10. PERSPECTIVAS FUTURAS	86
▶ A prática da filantropia a longo prazo	
▶ Desejo de mudanças de mentalidade e de comportamento	
▶ Imaginando o que o Brasil poderia ser	
NOTAS	92
NOTAS FINAIS	94
BIBLIOGRAFIA	96

Prefácio



Cristiane Sultani

Fundadora e Presidente do Instituto Beja

Na qualidade de fundadora do Instituto Beja, inspirei-me não só na possibilidade de contribuir com doações ao setor, mas também em voluntariar-me e doar-me ao próprio setor. Enxerguei a possibilidade de abrir conversas com meus pares sobre as diferentes estratégias de atuação e uma enorme oportunidade de colaborar com as novas tendências de uma filantropia mais estratégica, já praticada, porém não ainda tão disseminada. A curiosidade é um dos valores do Instituto Beja, assim como o afeto e nisso apoiamos a nossa atuação, imprimindo a nossa vontade de aprender, com o nosso amor à causa e com a nossa disponibilidade de escuta aos diversos atores. Acreditamos em uma filantropia colaborativa de A a Z, e envidamos esforços para engajamento desde a pesquisa até a implementação. Propomo-nos a mapear, diagnosticar e implementar por meio de ONGs capacitadas para tanto.

Entregamos esse relatório ao Brasil hoje, como parte da nossa missão de contribuir para a filantropia no nosso País, dando a largada para esse movimento que carinhosamente chamamos de Filantropando.

Foi emocionante receber apoio de outros filantropos e parceiros do setor para esse “laboratório” se materializar, e assim pretendemos a partir daqui, praticar coletivamente novas ideias que possam promover a mudança sistêmica que tanto precisamos.

Nosso muito obrigada,

Cristiane Sultani

Introdução



Silvia Bastante de Unverhau

Autora e Parceira da Braymont Philanthropy Advisory

Esta pesquisa foi encomendada pelo Instituto Beja para entender se a filantropia no Brasil apoia suficientemente os sistemas - mudando as iniciativas e abordando as causas fundamentais dos problemas sociais e ambientais.

No que diz respeito ao contexto da filantropia, o Brasil é o maior país da América Latina e o sétimo mais populoso, com quase 214 milhões de pessoas.¹ O Brasil continuou sendo uma colônia portuguesa até 1808 e a independência foi alcançada em 1822, com a criação de uma legislação em 1824. A escravidão foi oficialmente abolida em 1888. Uma junta militar autoritária chegou ao poder em 1964 e governou até 1985. A constituição atual do Brasil é de 1988, e o país é uma república federal democrática com um sistema presidencial.² O Brasil ocupa a 87ª posição no Índice de Desenvolvimento

Humano.³ Como uma economia de renda média-alta de acordo com o Banco Mundial, o Brasil tem a maior parcela da riqueza global na América do Sul.⁴ Em 2021, a desigualdade na distribuição de renda do Brasil, com base no coeficiente de Gini, atingiu 48,9 (sendo que o valor 0 representa igualdade absoluta, enquanto 100 representaria o maior grau de desigualdade possível).⁵

Com o objetivo de fornecer uma base empírica para este relatório, 21 filantropos brasileiros, assim como 21 profissionais ou especialistas atuantes na filantropia, foram entrevistados entre setembro e dezembro de 2022. Embora a amostra seja equilibrada entre gênero e idade, ela não pode ser considerada representativa do Brasil como um todo, já que se concentra em grande parte em São Paulo e, em menor

escala, no Rio de Janeiro. Além disso, dos 42 entrevistados, apenas três poderiam ser considerados não brancos (sob uma perspectiva de aparência). Os entrevistados também não são necessariamente representativos do setor filantrópico como um todo, pois tendem a ser os filantropos mais experientes do país.

As citações foram intencionalmente dissociadas das referências a fundações ou setores de ação específicos, pois foi prometido aos entrevistados que suas opiniões sobre o assunto seriam mantidas anônimas. As citações incluídas no relatório completo acrescentam muita cor e nuance ao relatório. Em geral, as opiniões dos filantropos foram priorizadas em relação às dos profissionais e especialistas em filantropia, já que os primeiros são geralmente mais

difíceis de serem descobertos e detêm o poder de decisão final. Finalmente, esta pesquisa está, naturalmente, sujeita aos pontos de vista e aos preconceitos do autor, sejam eles conscientes ou inconscientes.

Este relatório foi elaborado com a esperança de ajudar a incentivar um tipo diferente de diálogo no país, aumentar a quantidade de doações filantrópicas e melhorar a forma como o orçamento é dado para a justiça social e ambiental. O objetivo final é uma sociedade justa, solidária e inclusiva, para que todos os brasileiros possam alcançar seu pleno potencial.

Sumário Executivo

Esta pesquisa foi encomendada pelo Instituto Beja em 2022 para entender se a filantropia no Brasil apoia de forma suficiente as iniciativas de mudança sistêmica e abordam as causas fundamentais dos problemas sociais e ambientais. É fundamentada em entrevistas com 21 filantropos brasileiros, assim como 21 profissionais e especialistas atuantes na filantropia.

No que diz respeito ao contexto da filantropia, o Brasil é o maior país da América Latina, com uma população de 214 milhões de habitantes.⁶ Historicamente, a filantropia no Brasil foi influenciada pela Igreja Católica e pelo Estado, mas nos últimos anos ela se tornou mais profissional e se afastou de uma abordagem de pura caridade.

Este relatório foi elaborado com a esperança de incentivar um tipo diferente de diálogo no país, aumentar a quantidade de doações filantrópicas e melhorar a forma como o orçamento é disponibilizado para a justiça social e ambiental. O objetivo final é uma sociedade justa, solidária e inclusiva, para que todos os brasileiros possam alcançar seu pleno potencial. Com esse propósito, o relatório obteve conclusões importantes:

1. A filantropia brasileira está crescendo embora não haja uma definição comum e os maiores motivadores são os valores familiares, o senso de responsabilidade e a consciência da injustiça e da desigualdade.

A filantropia no Brasil apresentou um crescimento significativo, aumentando quase o dobro na última década. A filantropia é

um conceito complexo com muitas interpretações diferentes. A maioria dos filantropos entrevistados definiu a filantropia como o uso da riqueza privada para o bem público ou o amor à humanidade. Muitos também mencionaram a importância de reduzir as desigualdades e promover a justiça social, bem como de proteger o meio ambiente. Da mesma forma, a maioria (17 de 21) incluiu o voluntariado e o empréstimo de seus conhecimentos empresariais como parte da filantropia.

As motivações para a filantropia no Brasil são impulsionadas principalmente pelos valores familiares, pelo senso de responsabilidade e pelo desejo de enfrentar a desigualdade e a injustiça na sociedade. Os filantropos no Brasil frequentemente citam experiências pessoais, como crescer com pais que se voluntariaram e visitaram orfanatos, como um fator importante em seu desejo de retribuir. Alguns também mencionaram que sua posição privilegiada na sociedade os fizeram perceber a importância de usar seus recursos para ajudar as pessoas.

2. A doação global está num nível relativamente baixo, e os brasileiros, especialmente os ricos, poderiam dar mais

O nível de filantropia no Brasil é considerado relativamente baixo, com um total estimado de US\$ 4 bilhões em doações anuais. Isto é significativamente menor do que a previsão de doação do Brasil com base em sua participação no PIB global (previsão de doação de US\$ 20 bilhões) ou com base no número de bilionários brasileiros (previsão de doação de US\$ 28 bilhões). A doação aumentou durante a pandemia da COVID-19,



especialmente entre as grandes corporações e famílias ricas, mas também esgotou recursos. O aumento positivo das doações pode ter sido temporário e a doação parece estar revertendo para níveis pré-pandêmicos.

No Brasil, a doação é comum em todos os níveis socioeconômicos, mas a classe média tende a dar proporcionalmente mais. A classe média é vista como mais consciente e empática dos problemas, pois está mais próxima deles. Diz-se que as pessoas mais pobres são as que mais doam, considerando sua renda e a forma como se ajudam umas às outras em suas comunidades. A filantropia entre os ricos ainda é geralmente considerada baixa, apesar da crescente riqueza no país. Há uma percepção de que não há falta de riqueza no Brasil, mas sim uma falta de vontade de contribuir significativamente entre os ricos. Os entrevistados expressaram a opinião de que os ricos estão se tornando mais conscientes das desigualdades, mas ainda doam pouco. Os profissionais sugeriram que os ricos podem não doar quantias significativas porque não querem perturbar seus privilégios ou porque veem a doação como uma compensação para seu desconforto emocional pelo fato de serem ricos. A falta de doação é vista como uma questão cultural que levará tempo para ser superada.

3. A filantropia brasileira se desenvolveu na última década e está indo além da filantropia corporativa em temas diversificados e em direção a mais subsídios e investimentos sociais.

A filantropia corporativa, que dominou a filantropia brasileira nas últimas décadas (estimada em 80-90% de toda a filantropia) é bastante profissional, mas tem certas limitações, como o foco em temas tradicionais. A filantropia brasileira apoia principalmente a educação (estimada em cerca de 60-70%) e a saúde (10-15%), com crescente apoio, especialmente de financiadores internacionais, às mudanças climáticas e às questões ambientais (5-10%). Nos últimos anos, há uma tendência de indivíduos de segunda e terceira geração de famílias ricas para criar novas fundações focalizadas em várias questões relacionadas aos direitos humanos e à justiça social (2-5%).

A forma como as fundações operam no Brasil também está mudando, avançando para mais subsídios (de uma estimativa de 20-30% de filantropia), em vez de operar seus próprios projetos. A mudança é impulsionada por fatores como o impacto da pandemia da Covid-19 e o reconhecimento do valor do fortalecimento da sociedade civil. Há também uma tendência crescente para investimentos sustentáveis e de impacto e alguns filantropos entrevistados praticam ambos e os veem como complementares à filantropia.

4. Contudo, existe um consenso limitado sobre a natureza e o papel da filantropia, especialmente em relação ao setor público, e sobre a influência da política e da democracia.

O papel da filantropia na sociedade brasileira é um tema de debate, sendo que alguns o consideram como um meio de

suprir necessidades básicas e aliviar o sofrimento no curto prazo, enquanto outros afirmam que ele deve ser focado em catalisar mudanças sistêmicas e dar às pessoas os meios para se sustentarem a longo prazo. Alguns misturam os conceitos de filantropia, caridade e pagamento de impostos. Embora a mentalidade de muitos filantropos esteja evoluindo, ainda é um processo que requer tempo para ser concluído.

O papel da filantropia em relação ao governo também é debatido. Alguns acreditam que o governo deve desempenhar um papel crucial na implementação de programas em escala e no estabelecimento de políticas e estruturas legais, mas questionam a capacidade da filantropia influenciar as políticas públicas. Outros acreditam que a filantropia e o governo devem trabalhar juntos, mas admitem que não é um relacionamento fácil e alguns argumentam que o governo está sendo considerado responsável por todos os problemas da nação.

No contexto do Brasil, a filantropia tem uma relação complexa com a política e a democracia. Alguns acreditam que a filantropia deve ser um cuidador da democracia e apoiar a sociedade civil, enquanto outros sentem que é difícil associar-se a visões políticas. Foi citado que a filantropia também pode ajudar a criar espaços de discussão e diálogo democrático, e alguns acreditam que a filantropia precisa tomar uma posição que muitas vezes é refutada.

5. Igualdade racial e de gênero, filantropia baseada em confiança e priorização do conhecimento local são cada vez mais discutidas, mas praticadas em diferentes graus.

A sociedade brasileira enfrenta o legado do colonialismo, e a filantropia tem sido criticada por reproduzir formas coloniais e não promover suficientemente a igualdade racial e de gênero. A maioria dos filantropos (18 de 21) concorda com a

necessidade de promover a igualdade racial com fatores intersetoriais, como gênero e renda, e alguns (7 de 21) estão financiando ativamente iniciativas nesta área. Profissionais e especialistas do setor filantrópico concordaram que, embora algum progresso esteja sendo observado na abordagem das desigualdades sociais, é preciso fazer mais. Eles enfatizaram a necessidade de maior diversidade no próprio setor filantrópico, pois ele ainda é em grande parte administrado por homens brancos, e de promover um maior reconhecimento das dimensões políticas do racismo. Eles esperam que haja mais empenho na promoção da igualdade e da justiça para todos, em vez de “empoderar” os grupos marginalizados.

A filantropia baseada em confiança é a ideia de que as organizações filantrópicas devem confiar em seus parceiros locais e reconhecer sua experiência e conhecimento. Esta abordagem implica apoiar e não direcionar a filantropia. Os entrevistados tinham opiniões divergentes sobre se a filantropia brasileira está adotando uma abordagem baseada na verdade. Alguns filantropos (15 de 21) acreditam na importância da confiança nos relacionamentos e estão trabalhando de forma estreita e sistêmica com organizações, líderes e comunidades locais. Entretanto, há também desafios, tais como quem é considerado confiável. Outros têm preocupações sobre a responsabilidade e uma falta geral de confiança nas instituições no Brasil. Profissionais e especialistas (21 de 21) declararam a necessidade de relações com base na verdade e enfatizaram que isto envolve reduzir os controles, ouvir mais, valorizar o conhecimento e a experiência local e ter uma relação geral mais horizontal.

6. Alguns filantropos progressistas estão reconhecendo seu privilégio, abordando dinâmicas de poder e desigualdade e incentivando

mudanças sistêmicas, ao apoiarem uma sociedade civil forte e independente.

A maioria dos entrevistados (34 de 42) reconheceram seus privilégios, seja em termos de riqueza, possibilidade de se dedicar à filantropia e ao voluntariado, ou outras formas de privilégio. Eles compreendem a contradição no coração da filantropia, quando os sistemas sociopolíticos e econômicos permitem que alguns indivíduos acumulem riqueza, às vezes à custa de outros e do meio ambiente, e depois devolvem uma pequena parte por meio da filantropia.

A importância de construir uma relação de confiança por meio do diálogo e da transparência foi enfatizada como um meio de superar a dinâmica de poder entre um doador e um receptor. Muitos filantropos também acreditam na importância de apoiar a mudança sistêmica e alguns se dedicam a apoiar organizações para tomar suas próprias decisões, enquanto outros preferem uma abordagem mais orquestrada. Alguns profissionais veem uma vontade crescente de se envolverem com a mudança sistêmica, mas estimam que, no entanto, a filantropia de mudança sistêmica é responsável por apenas 5% da filantropia brasileira. Outros duvidam do nível de sofisticação da filantropia de mudanças sistêmicas no Brasil e acreditam que os filantropos não abraçam totalmente o poder da sociedade civil como um criador de mudanças.

Todos os entrevistados concordaram que embora a desigualdade seja o maior problema do país, a filantropia por si só não pode mudar todo o sistema sociopolítico e econômico. Eles veem o papel da filantropia como apoio ao desenvolvimento de uma sociedade civil próspera e independente que trabalha em prol da igualdade de oportunidades para todos os brasileiros e enfrenta a discriminação estrutural na sociedade. Os profissionais enfatizaram a importância de compreender as estruturas de poder existentes, ter uma visão sistêmica e reconhecer o papel de cada um no problema. Há certamente um

pequeno mas crescente grupo de filantropos progressistas que apoiam as mudanças sistêmicas e estão dispostos a abordar a dinâmica de poder em suas doações, ajudando a sociedade civil. A maioria dos entrevistados gostaria de obter mais subsídios e mais doações para as organizações da sociedade civil.

7. O setor filantrópico se tornou mais profissional com organizações de base sólida, enquanto os setores sem fins lucrativos e da sociedade civil precisam de mais apoio e desenvolvimento.

O setor filantrópico no Brasil cresceu e se tornou mais profissional nos últimos anos. As organizações que apoiam a filantropia no Brasil incluem pelo menos quatro organizações filantrópicas reconhecidas, organizações de pesquisa e acadêmicas, e entidades de consultoria. O setor é visto como experiente, forte, profissional e com as melhores práticas, porém também opera em uma pequena “bolha” que concentra financiamento em algumas áreas. Alguns desafios incluem a falta de oportunidades de treinamento, a necessidade de reconhecer ainda mais o poder do setor e a necessidade de desenvolver uma identidade brasileira única enquanto se aprende e se compartilha com outras partes do mundo.

Além disso, a maioria dos entrevistados também identificou outros desafios enfrentados por organizações sem fins lucrativos, tais como a falta generalizada de confiança no setor e o fato de serem mantidos em padrões diferentes das empresas. Eles concordaram que o setor sem fins lucrativos e da sociedade civil no Brasil tem várias necessidades de desenvolvimento, incluindo a melhoria da qualidade da gestão no setor, o acesso a financiamento adicional de longo prazo sem restrições e o recebimento de treinamento sobre como influenciar o governo.

8. Aumentar a colaboração de forma significativa e melhorar o cenário jurídico e fiscal para a filantropia poderia estimular um crescimento considerável.

A maioria dos entrevistados (34 de 42) deseja mais colaborações. Os filantropos brasileiros acreditam esmagadoramente que uma maior colaboração, ou seja, o cofinanciamento ou o financiamento conjunto é uma prioridade fundamental e reconhecem a necessidade de alinhar seu trabalho e reduzir a pulverização de iniciativas no setor. Pelo menos 16 deles já estão participando do cofinanciamento. De fato, pelo menos oito exemplos diferentes de colaborações que envolvem o cofinanciamento por pelo menos um financiador filantrópico do Brasil foram mencionados abrangendo diversos tópicos, incluindo desenvolvimento infantil, mudanças climáticas e justiça social. Enquanto muitos filantropos preferem iniciar suas próprias ações, muitos estão agora considerando a colaboração, pois há uma expectativa de que ela pode levar a melhores resultados.

Profissionais e especialistas brasileiros concordam sobre a necessidade de maior colaboração em termos de eficiência e responsabilidade. No entanto, eles têm visões bastante diferentes sobre como a colaboração está ocorrendo na prática e apontam que muitas vezes, quando os filantropos dizem colaboração, eles se referem a alguém que está colaborando com seu próprio projeto. Muitos falaram das dificuldades em colaborar devido a questões como ego, responsabilidade e controle.

A maioria dos entrevistados (33 de 42) concordou que um melhor cenário jurídico e fiscal pode aumentar as doações, mas as recomendações específicas variaram, tais como remover o imposto extra sobre doações, tornar as doações dedutíveis, aumentar o imposto sobre heranças, ou aumentar os impostos para pessoas ricas. O consenso geral é que o governo precisa criar condições e incentivos para que a filantropia prospere no Brasil.

9. Fomentar a aprendizagem e o desenvolvimento de filantropos, promover uma cultura de doação e aumentar a visibilidade dos modelos filantrópicos também poderia levar a um crescimento significativo.

Pelo menos seis grandes ações para promover maior doação por meio de iniciativas voltadas para filantropos ricos, profissionais da classe média e doadores em geral foram citadas, incluindo mecanismos inovadores de financiamento, bem como associações, compromissos e movimentos.

A maioria dos entrevistados (32 de 42) considerou a necessidade de fomentar o desenvolvimento dos filantropos. Os filantropos aprendem e desenvolvem sua abordagem por meio de envolvimento e experiências pessoais, exposição à realidade das pessoas necessitadas, conexões mais profundas com empreendedores sociais, e por meio de treinamento e aconselhamento. Quase todos os filantropos entrevistados falaram sobre seu próprio processo de aprendizado e alguns

buscam alinhamento em vários aspectos de suas vidas, incluindo como seus negócios são administrados, bem como sua riqueza está sendo investida. O envolvimento em filantropia é visto como uma escolha profundamente pessoal que requer um nível de desenvolvimento pessoal, reflexão consciente e autoconsciência.

A necessidade de promover uma cultura de doação desde a juventude foi enfatizada pela maioria dos entrevistados (32 de 42), que também notaram a ausência de pressão social para fazer doações. Muitos filantropos explicaram que geralmente se conheciam socialmente, mas geralmente não discutem seus projetos filantrópicos. A importância de dar mais visibilidade aos modelos filantrópicos também foi mencionada (26 de 42). Alguns filantropos preferem manter-se reservados devido à modéstia ou preocupações com a segurança ou para evitar mais pedidos de captação de recursos, mas alguns também acreditam que sua visibilidade e reconhecimento podem inspirar outros a se engajarem na filantropia.

Há esperança de que a filantropia possa ter um impacto mais significativo e sustentável para um Brasil justo, com oportunidades para todos.

Embora este estudo tenha se concentrado mais no que a filantropia no Brasil poderia fazer, é importante refletir sobre o fato de que já existem alguns filantropos e fundações que estão doando generosamente com uma mentalidade sistêmica. Os entrevistados acreditam que a filantropia sempre ocupará um

lugar estrutural na sociedade brasileira, mas a esperança é que as ações de filantropia passem do atendimento às necessidades básicas da população, da proteção do meio ambiente ou do tratamento das desigualdades históricas para o financiamento das atividades de desenvolvimento do talento humano, tais como as artes, ciências e filosofia.

Foram citados vários motivos para acreditar no futuro do Brasil, a começar pela generosidade de certas famílias e indivíduos, o aumento do desejo de uma sociedade mais inclusiva e o enorme progresso que, apesar de tudo, o Brasil fez como democracia e em termos de redução da pobreza.

No entanto, os entrevistados no Brasil desejam que os indivíduos ricos mudem sua mentalidade, com foco em aumentar a doação, compreender suas responsabilidades e se envolverem mais ativamente na filantropia, com maior foco nas mudanças estruturais. A maioria dos entrevistados deseja que a filantropia se concentre mais nas mudanças climáticas, na educação cívica e no apoio às instituições democráticas

1. Contexto e motivações



A filantropia brasileira está crescendo embora não haja uma definição comum e os maiores motivadores são os valores familiares, o senso de responsabilidade e a percepção da injustiça e da desigualdade.

Explorando a filantropia brasileira

A filantropia no Brasil apresentou um crescimento significativo, chegando quase a dobrar na última década. O Censo GIFE de 2010 informou o valor de R\$ 2 bilhões⁷, que ajustados pela inflação, totalizariam cerca de R\$ 2,7 bilhões em 2020⁸ (cerca de US\$ 532 milhões) e o Censo GIFE 2020 mostrou R\$ 5,3 bilhões⁹ (cerca de US\$ 1 bilhão). Para uma perspectiva histórica da filantropia no Brasil, outros estudos¹⁰ descreveram a história da colonização, o papel desempenhado pela Igreja Católica, o controle estatal durante a década de 30, e a ditadura militar a partir de meados dos anos 60 e seu impacto na sociedade civil e na doação. Atualmente, a filantropia está gradualmente se afastando da abordagem da caridade e se tornando um setor mais profissional.

“Voltando aos nativos do Brasil, sempre houve doação e gratidão uns para com os outros por natureza. E então, com a colonização, adotamos a maneira de pensar e de doar

do colonizador, especialmente por meio da Igreja Católica. No início do século passado, começamos a ter movimentos mais organizados, e no final do século passado, o setor sem fins lucrativos nasceu no Brasil muito influenciado pelas práticas filantrópicas ocidentais. Mais recentemente, passamos de uma cultura de ajuda para uma cultura de olhar para as causas dos problemas, mas não necessariamente de querer mudar os sistemas.” – Filantropo

“No passado, as pessoas se abstiveram de usar o termo filantropia e isso mudou ligeiramente. Temos visto uma evolução nos últimos trinta anos, de fornecer apoio e ajuda aos necessitados com uma abordagem assistencialista ligada às igrejas, à filantropia que vai além das necessidades básicas e que explora os diferentes papéis em nossa sociedade.” – Profissional



Definindo a filantropia

Não há uma definição comum de filantropia. Para a maioria, é doar dinheiro e ser voluntário, mas para alguns, trata-se de resolver os problemas que o governo não pode resolver. Quando perguntados sobre como definiam filantropia, muitos filantropos voltaram à definição clássica de filantropia como usando a riqueza privada para o bem público, ou o amor à humanidade, e outros acrescentaram o ângulo da justiça social e da redução das desigualdades. Era claro que a filantropia estava focada tanto no ser humano quanto no meio ambiente. A maioria pensa que a filantropia é doar dinheiro - mas muitos incluíram o voluntariado, emprestando seus conhecimentos comerciais e outras formas de apoio como parte da filantropia. Pelo menos 17 dos 21 filantropos apresentaram esta perspectiva.

Muitos reconheceram que “retribuir” era uma responsabilidade e alguns também incluíram a ideia de poder

ajudar ou ajudar a partir de uma posição de privilégio ou poder. Um casal também mencionou o quanto a filantropia dá sentido à sua existência. Onde havia mais discrepância e isto importa para a perspectiva de se a filantropia no Brasil está apoiando a mudança sistêmica, e se a filantropia trata de resolver problemas, especialmente aqueles que o governo não pode resolver. Apenas 11 filantropos entrevistados incluíram isto como parte de sua definição.

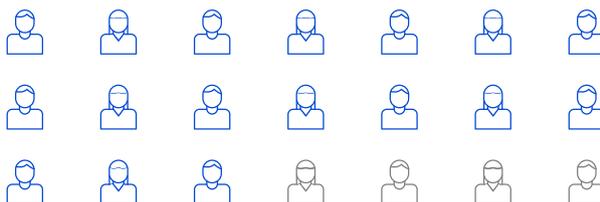
Também surgiu que o termo filantropia apresenta algumas conotações negativas, ligadas a alguns escândalos dos anos 90 e que também é confundida com a ideia de caridade. Alguns filantropos se preocuparam em apontar que a filantropia é uma abordagem mais estratégica ou estruturada para doar e, espera-se também uma forma mais sustentável de doar do que a caridade.

- ▶ O maior país da América Latina
- ▶ População de **214 milhões**
- ▶ **87º** sobre o **Desenvolvimento Humano Economia de renda média-alta**
- ▶ **A maior parte da riqueza global** na América do Sul
- ▶ **Alta desigualdade** 48,9 coeficiente de Gini (100 desigualdade total)
- ▶ Uma **história** de colonização, escravidão, e ditadura militar
- ▶ **Filantropia historicamente influenciada** pelos **católicos**
A Igreja e o Estado



17 de 21

Filantropos - dando dinheiro mais voluntariado, experiência empresarial e outros apoios



11 de 21

Filantropos - sobre a solução de problemas, especialmente aqueles que o governo não pode resolver





A filantropia é retribuir à sociedade e retribuir à natureza. É parte dos valores democráticos e não é apenas doar dinheiro, mas, às vezes, oferecer talentos como voluntário ou abrir portas e sua rede. – Filantropo

A filantropia precisa ser o cuidado com o ser humano e o cuidado com o meio ambiente. Algumas pessoas pensam que se ajudarem seus trabalhadores ou empregados, isso é suficiente. Isso não é suficiente. Caridade não é o suficiente. Precisamos de filantropia. – Filantropo

A filantropia tem que estar enraizada na cultura de um povo e apoiar alguns ideais da sociedade. Ser capaz de fazer um pouco mais do que o Estado já faz, pois o Estado não pode fazer tudo. As iniciativas filantrópicas devem ajudar um país a se tornar uma sociedade mais inclusiva”. – Filantropo

A filantropia significa poder devolver à sociedade um pouco do que se tem, seja doando dinheiro ou serviços.
– Filantropo

A filantropia dá sentido à minha vida. Faz minha vida valer a pena e a de meus filhos, sabendo que quando passo deste mundo, deixo algo e tinha uma razão de ser.
– Filantropo

**Caridade é só doar.
A filantropia é uma forma mais sofisticada de doar.
– Filantropo**

Filantropia significa justiça social. Alguns têm mais oportunidades e privilégios, e a filantropia é onde tentamos recalibrar esse equilíbrio. – Filantropo

A filantropia está ajudando e auxiliando a pessoa carente, que é menos capaz do que você naquele momento de sair de uma situação difícil ou de ter uma oportunidade de se desenvolver. – Filantropo

Uma forma de devolver um pouco do que você recebeu, equilibrando dar e receber. Significa, pensar realmente nos problemas reais e tentar resolvê-los de alguma forma. – Filantropo

A filantropia é uma forma de ajudar a mudar as coisas na sociedade. O governo e os estados não podem resolver todos os problemas. A sociedade precisa ajudar e a filantropia é uma forma que a sociedade pode ajudar. – Filantropo

A filantropia é retribuir à sociedade e retribuir à natureza. É parte dos valores democráticos e não é apenas doar dinheiro, mas, às vezes, oferecer talentos como voluntário ou abrir portas e sua rede. – Filantropo

A filantropia tem que estar enraizada na cultura de um povo e apoiar alguns ideais da sociedade. Ser capaz de fazer um pouco mais do que o Estado já faz, pois o Estado não pode fazer tudo. As iniciativas filantrópicas devem ajudar um país a se tornar uma sociedade mais inclusiva.
– Filantropo



Os maiores motivadores são:

Valores familiares

Sentido de responsabilidade

Observar a injustiça e a desigualdade

Explorando as motivações para a filantropia

Os maiores motivadores identificados para a filantropia no Brasil são os valores familiares, o senso de responsabilidade, a percepção da injustiça e da desigualdade na sociedade brasileira, bem como as experiências pessoais. Alguns filantropos falaram sobre como seus pais os levaram a visitar orfanatos quando crianças, ou a ser voluntários desde pequenos, o que significa que cresceram sabendo que isso é importante. Isto está de acordo com a maioria dos estudos sobre as motivações dos filantropos em todo o mundo em que o autor tem estado envolvido. Normalmente, isso se resume a valores ou experiências específicas, bem como ao reconhecimento em algum nível de que sua posição privilegiada não se deve exclusivamente a suas próprias qualidades ou ações, mas a um elemento de sorte ou bênção.



Mas eu sempre tive esta vocação - por que estou aqui? Nós temos uma família muito grande e generosa e fomos a esta favela para distribuir ovos de Páscoa. Estava exatamente do outro lado da minha escola, então eu sabia o que estava do outro lado do muro. Aos quinze anos eu já começava a fazer trabalho voluntário. – Filantropo

A filantropia foi uma escolha para mim porque entendi que já tinha o suficiente, não precisava me concentrar em ganhar mais dinheiro, para poder doar meu trabalho e estou me doando para ver como posso ser mais eficaz.
– Filantropo

Quando minha mãe morreu e eu recebi muito dinheiro e comecei a ajudar algumas organizações, principalmente aquelas mais ligadas à defesa da democracia e, em parte, também ligadas à segurança pública. E quando meu pai morreu, eu herdei ainda mais dinheiro. E eu pensei bem, tenho uma responsabilidade muito grande por ter muito mais dinheiro do que preciso e depois meus filhos precisarão, e quero usá-lo para ajudar as pessoas. – Filantropo

Meu pai era um empresário muito bem-sucedido, então eu tive a oportunidade de fazer uso desse dinheiro de uma forma que seria valiosa para a sociedade. Além disso, a desigualdade, vendo como tantas pessoas não têm oportunidades e vivem na pobreza, e outras vivendo com riqueza e luxo, sempre criou um problema em mim, porque eu acho que isso não é saudável para ninguém. Meu pai, quando ele era bastante velho, me pediu para começar uma fundação. – Filantropo

Vim de uma família em que a filantropia não é apenas um discurso. Meu pai era um workaholic e também fazia trabalho voluntário. Desde que eu era criança, eu o via visitando hospitais, então para mim isto é muito natural. – Filantropo

A pobreza não é a falta de dinheiro, é a carência ou a falta de quase tudo, de oportunidades para o autodesenvolvimento. E se você fala de educação no sentido mais profundo da palavra, trata-se de formar pessoas, formar cidadãos e membros da família, que é a base de todo o resto. A filantropia deve apoiar a mudança de dentro para fora. – Filantropo



2. Estimativa de doação

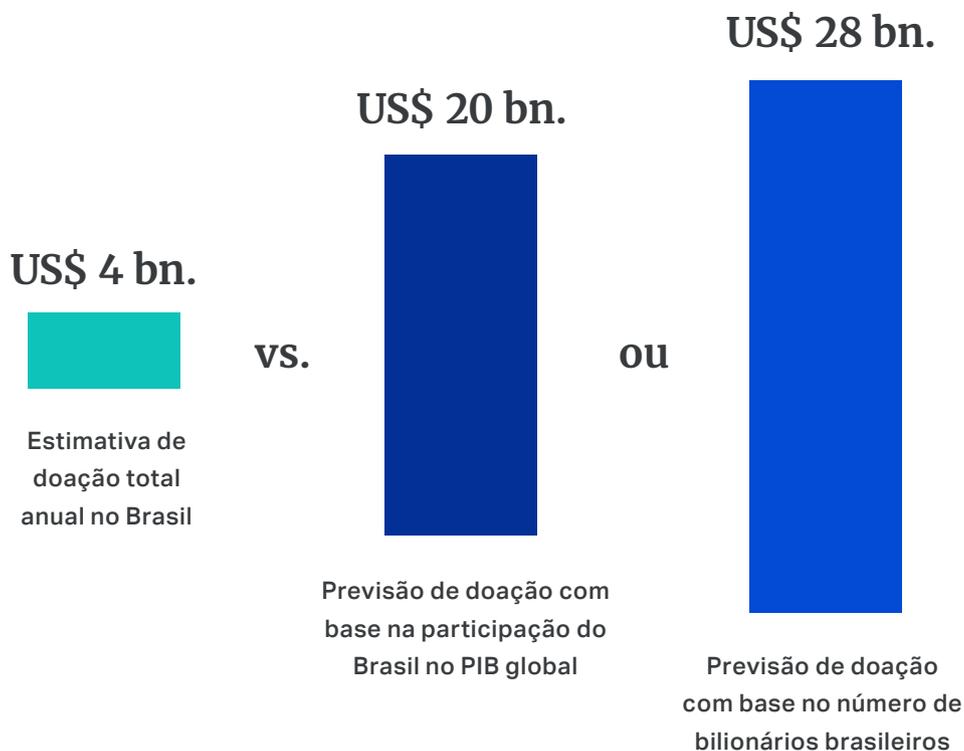


- **A doação aumentou durante a COVID-19** pandemia – mas o aumento parece temporário
- **Muita filantropia é informal**, apoio em espécie à família alargada, à comunidade ou aos trabalhadores
- **As doações monetárias** nem sempre são contadas ou passam por um veículo legal
- **A doação é comum** em níveis sócio-económicos, com a classe média dando proporcionalmente mais
- Percepção de que **não há falta de riqueza no Brasil**, mas sim uma **falta de vontade de dar significativamente entre os ricos**

Estimativa da doação total no Brasil

Praticamente todos os entrevistados concordaram que o nível de filantropia no país permanece relativamente baixo. De acordo com o GIFE, no último censo de 2020, o montante total de doações entre seus 161 membros foi de R\$ 5,3 bilhões¹¹, o que representa aproximadamente US\$ 1 bilhão. O valor do GIFE provavelmente subestima a doação total no Brasil, já que se baseia apenas nas organizações membros do GIFE, que não representam a totalidade das organizações filantrópicas no Brasil, especialmente algumas filantrópicas mais recentes lideradas por famílias ou indivíduos. Além disso,

muita filantropia no Brasil é informal - como o apoio em espécie a famílias, comunidades ou trabalhadores, e mesmo que envolva uma doação monetária, não passa necessariamente por um veículo legal, portanto nem sempre é capturada em números. Finalmente, em relação aos EUA, possivelmente o mercado filantrópico mais desenvolvido do mundo, não há deduções fiscais para doações filantrópicas e a cultura da doação possivelmente não é tão desenvolvida. Se levarmos tudo isso em consideração e assumirmos que o valor do GIFE está subestimando a doação por um fator de quatro, chegamos a uma



estimativa de US\$ 4 bilhões¹² para a doação anual no Brasil.

Considerando o número de doações nos EUA para 2021 pela Giving USA¹³, pode-se estimar que a doação mundial seja três vezes maior do que aproximadamente 1,2 trilhões de dólares¹⁴. O Brasil tem um PIB de cerca de \$ 1,6 trilhões de dólares¹⁵, e conta com pelo menos \$ 65 bilhões de dólares¹⁶. A previsão de doação do Brasil com base em sua participação no PIB global é de \$20 bilhões de dólares. Além disso, a estimativa de doação do Brasil com base no número de bilionários brasileiros¹⁷ é de \$28 bilhões de dólares.

A doação aumentou durante a pandemia da COVID-19, especialmente entre grandes empresas e famílias ricas, mas também esgotou recursos. Dados preliminares de todo o mundo mostram que a pandemia levou ao aumento da doação em 2020 e até certo ponto em 2021, mas já alguns números mostram que a doação em 2022 está revertendo para níveis pré-pandêmicos. Alguns especialistas escreveram sobre como o impulso da doação que começou com a pandemia foi de natureza emergencial e não necessariamente levou a uma mudança a longo prazo ou ao desenvolvimento de uma cultura de doação.¹⁸

Discutindo a doação dos ricos

As pessoas são generosas em todas as partes do mundo, mas o que conta como filantropia e como ela é medida varia consideravelmente. Todos os entrevistados concordaram que a filantropia no Brasil ainda é geralmente baixa e que os recursos totais não foram suficientes, especialmente dados os níveis de riqueza no Brasil. Alguns sugeriram que doar enquanto se vive era uma escolha melhor do que deixar uma riqueza significativa para seus filhos. Mas alguns filantropos que queriam aumentar suas doações também tiveram um empurrão de suas famílias.

Descrevendo as doações dos não ricos

No Brasil, as pessoas doam em todo o espectro socioeconômico. Como em muitas partes do mundo, a classe média dá proporcionalmente mais. Na pesquisa da CAF (Charities Aid Foundation) publicada em 2022, o Brasil ocupa o 18º lugar no Global World Giving Index (Ranking Global de Solidariedade). O país também ficou em 38º lugar em termos de doação de dinheiro, 11º em ajuda a um estranho, e 48º em tempo de voluntariado.¹⁹ Alguns entrevistados confirmaram a opinião de que os menos ricos dão mais e dão de forma diferente dos ricos, mas outros observaram, que não devem ser apenas os ricos a dar na sociedade brasileira, e que a oportunidade deve estar disponível a todos.

“A sociedade é na verdade uma lacuna de preenchimento. As pessoas se ajudam umas às outras, mas não são doadoras. É muito **difícil levantar dinheiro no Brasil, mas se você pedir ajuda a alguém, todos ajudam. Se você for para as comunidades, todos se ajudam ainda mais uns aos outros.**”

– Filantropo



A primeira onda do Covid-19 foi surpreendente em termos de muita gente ajudando. E na segunda vez, as doações foram menores. Agora todos mudam para outros tópicos.

– Filantropo

A pandemia realmente despertou a filantropia no Brasil.

Todos nós, das famílias de empresários, doamos mais de R\$ 7 bilhões. A fome era tão grande que toda a família teve que doar imediatamente porque as pessoas estavam morrendo de fome. Nós ajudamos principalmente com a fome e a saúde durante a Covid-19. – Filantropo

A pandemia chamou muita atenção para o que as grandes empresas e famílias estavam fazendo, mas também esgotou os recursos. As pessoas que podiam doar, doavam e agora há uma espécie de ressaca e é muito difícil encontrar recursos para as ONGs.

– Filantropo

Tivemos uma onda muito positiva de doações durante a pandemia, para as populações mais vulneráveis aqui no Brasil. O que tem sido demonstrado é que existe uma enorme capacidade de mobilizar recursos. Este surto, infelizmente, caiu em 2022. O país está de volta ao quadro da fome, que tínhamos superado há quase 10 anos. – Profissional

As pessoas mais pobres doam mais, se considerarmos o que têm e o que doam. Elas compartilham o pouco que têm – há sempre espaço para outro em sua mesa em sua casa. – Profissional

Os pesquisadores têm demonstrado que a classe média doa mais de acordo com sua renda. A razão é que ela está mais próxima dos problemas em si. Portanto, está mais consciente e empática com outras pessoas que enfrentam dificuldades. Ela vive lá, vê os desafios mais de perto e assim os compreende. – Profissional

Vivi nos EUA em que todos da classe média estão devolvendo dinheiro à sociedade. E aqui no Brasil, acham que só os ultra ricos precisam devolver o dinheiro à sociedade, e não é o caso. – Filantropo

As pessoas comuns que não são fundadores de fundações têm dificuldade de encontrar instituições em que possam confiar e doam \$ 20 dólares por mês. O aspecto de varejo da filantropia é muito pobre. O público em geral tem o direito de fazer parte dela. – Filantropo

Vejo nossa classe alta se conscientizando mais sobre as desigualdades no Brasil e espero que isso continue, mas eles doam muito pouco. É uma questão de cultura e leva tempo para mudar e para evoluir. Viver com tais desigualdades diariamente não é fácil, especialmente em um país que já tem tanta riqueza e está crescendo.

– Filantropo

Eu queria dar 50%, mas meus filhos discordaram fortemente – eles disseram que seu avô havia trabalhado tanto para criar essa riqueza e que dá-la seria injusto.

– Filantropo

Fico muito triste quando vejo organizações sem fins lucrativos falando sobre concorrência. Dizem que é tão assustador que há tão pouco dinheiro. Não há pouco dinheiro no Brasil – há toneladas de dinheiro. É só que as pessoas que ainda não podem doá-lo. – Profissional

Em última análise, é dinheiro privado e o que as pessoas querem fazer com ele. “Oh, você vai guardá-lo para a próxima geração?”; então você vai prejudicá-la. Ou você o doa a causas em vida. É simples, você não tem tantas escolhas. – Filantropo

”

3. Desenvolvimentos em filantropia



A filantropia brasileira se desenvolveu durante a última década e está indo além da filantropia corporativa em temas diversificados e em direção a mais subsídios e investimento social.

Indo além da filantropia corporativa, em direção à filantropia familiar

Um estudo anterior sobre filantropia no Brasil a partir de 2015 caracterizou o setor empresarial como líder em investimento social.²⁰ Muitos dos filantropos, profissionais e especialistas entrevistados, manifestaram a opinião de que embora a filantropia corporativa seja bastante profissional, ela tem certas limitações, entre outras em relação às áreas em que pode se concentrar, e tende a se concentrar em temas mais tradicionais, como a educação. Estima-se que a filantropia corporativa é responsável por 80-90% do total da filantropia.

Um desenvolvimento chave nos últimos anos tem sido a criação, especialmente pela segunda ou terceira geração de famílias ricas, seja individualmente ou às vezes com parte da família, de novas fundações ou institutos como são frequentemente chamados no Brasil. Elas estão dispostas a se concentrar em questões mais estreitamente associadas aos direitos humanos e à justiça social, que a maioria das fundações corporativas ou não têm capacidade ou vontade de resolver. Parte da explicação é que estas próximas gerações têm o dinheiro, mas normalmente não têm um papel comercial e são livres para se dedicarem à filantropia.

"Muito poucas empresas tiveram sua IPO (Inicial Public Offering), o que significa que as famílias ainda controlam e dirigem empresas. Ainda é caridade em torno da empresa, embora feita de uma forma muito profissional, mas em grande

parte focada na educação. Nos últimos anos, as famílias mais ricas, a segunda ou terceira geração, foram capazes de criar suas fundações em novos campos. Elas tendem a ser muito mais conscientes e sensíveis a causas como os direitos humanos." - Profissionais

Os 21 filantropos entrevistados para este estudo têm sua própria filantropia separada da filantropia corporativa de sua família, ou empresa familiar. Eles estão indo além dos setores tradicionais de educação e saúde, e da área menos financiada de meio ambiente e mudanças climáticas, e agora estão abrangendo tópicos mais variados como desenvolvimento infantil, justiça no sistema de justiça criminal, fome, falta de moradia, doença mental, dependência de drogas, reforma política para os direitos humanos, cidadania e valores democráticos, a eleição de diversos candidatos (brasileiros negros e mulheres), violência baseada em gênero, e também focando em eleitorados não tradicionais como idosos ou mulheres encarceradas, entre outros. Os profissionais explicaram as deficiências da filantropia corporativa, pois as empresas têm que ter cuidado com suas marcas, ser responsáveis perante seus Conselhos e incluir objetivos de responsabilidade social corporativa vinculados a programas internos.

Tornar-se mais profissional

afastando-se de uma **abordagem de caridade**

Crescimento da filantropia familiar

21 of 21 filantropos têm a sua própria **filantropia separada** da **empresarial**

Temas cada vez mais diversos, incluindo **direitos humanos** e **justiça social**

Cada vez mais a concessão de subsídios

8 dos 21 filantropos **concedem a concessão total** ou em **grande parte**

Sustentável e impacto de investimentos

crescendo **7 dos 21** filantropos educados e vistos como complementares

Foco no aumento da concessão de subsídios

Tradicionalmente, a maioria das fundações operava seus próprios projetos²² como fundações de implementação. Isso está começando a mudar e a maioria dos entrevistados observou que a filantropia é cada vez mais uma forma de conceder subsídios. Dos 21 filantropos entrevistados, pelo menos oito operam completamente ou grande parte de sua filantropia. Estima-se que

a concessão de subsídios seja de 20-30% do total da filantropia. Parte da explicação para esta mudança tem a ver com o impacto da pandemia de Covid-19. No contexto de uma emergência humanitária, as fundações operacionais tiveram que distribuir dinheiro ou bens diretamente às organizações competentes, confiando que seriam bem utilizados.

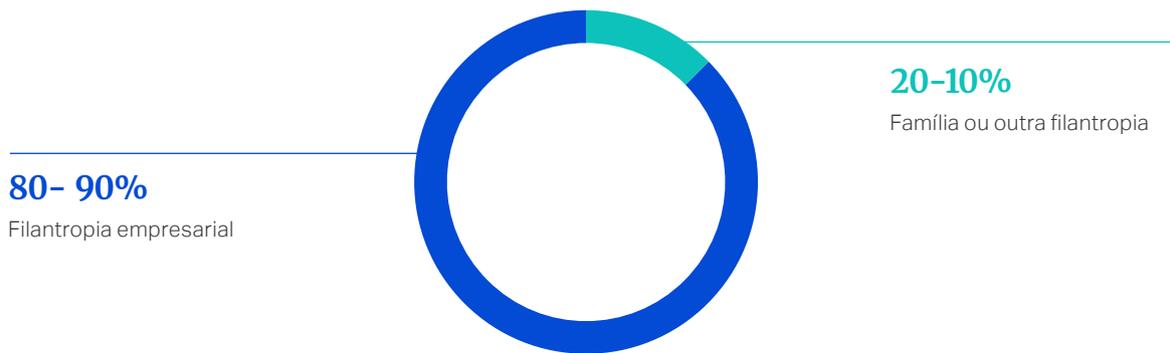
Maior foco em investimentos de impacto social

Em um estudo anterior de 2015, grande parte da caridade ou filantropia no Brasil foi classificada como "investimento social"²³, especialmente por empresas. Além disso, práticas como o investimento sustentável e de impacto estão ganhando terreno adicional, já que o Brasil já é líder na região há muitos anos. Pelo menos sete dos filantropos entrevistados mencionaram o fato de que também praticam o investimento sustentável e de impacto. Nas conversas, a complementaridade da filantropia e

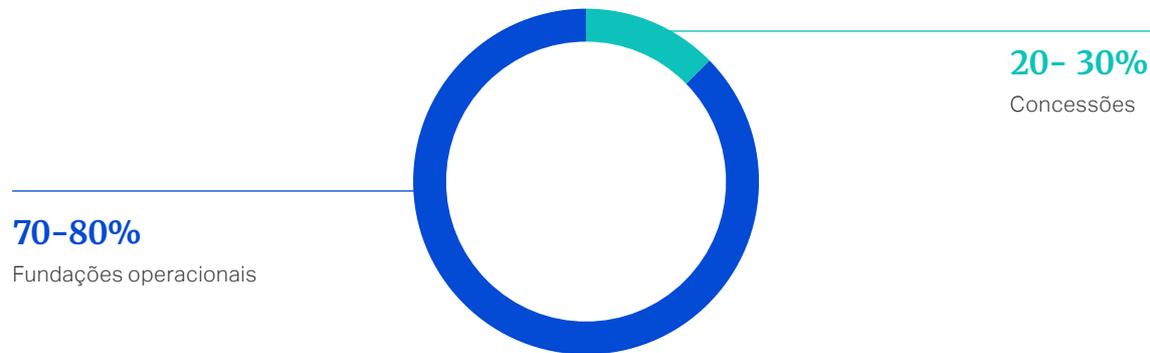
do investimento sustentável e de impacto também foi destacada, e a necessidade de ficar claro que nenhum dos dois por si só é suficiente para transformar o Brasil - cada um deles tem um papel específico a desempenhar. Os profissionais e especialistas também observaram que especialmente as próximas gerações de detentores de riqueza tendem a estar particularmente interessados nestes mecanismos mais recentes de impacto.

Filantropia no Brasil

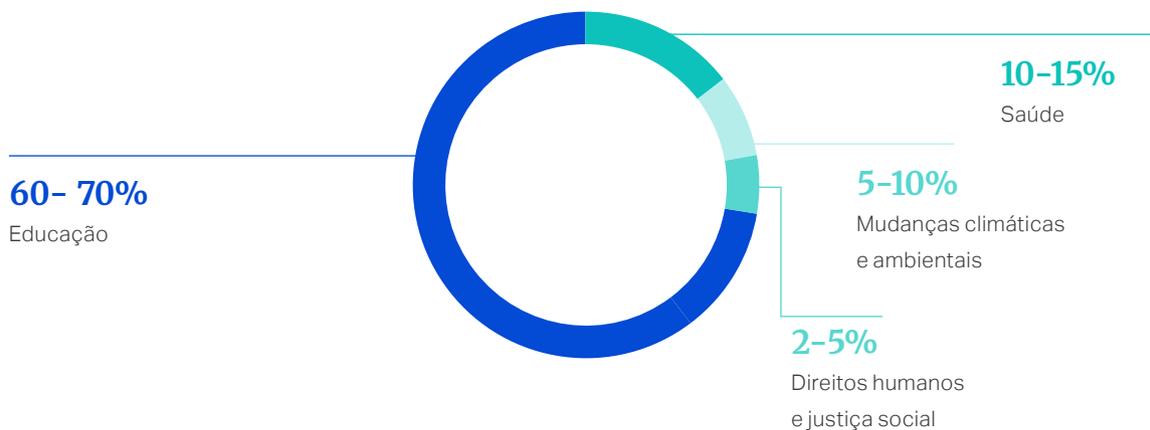
Organização



Tipo



Áreas



Diversificando os campos e temas

Tradicionalmente, a filantropia no Brasil apoia de forma esmagadora a educação e, em menor grau, a saúde. Atualmente, há um apoio crescente às questões da mudança climática e do meio ambiente, assim como às causas de justiça social e direitos humanos.

Educação - A educação é um dos setores mais desenvolvidos do país e responde por cerca de 60-70% de toda filantropia, de acordo com muitos profissionais e especialistas entrevistados e pesquisas anteriores consultadas.²¹ É o tema preferido pela maioria dos filantropos de maior porte, especialmente as fundações corporativas do país. Parece haver uma abordagem sistêmica em que muitos estão coordenando, colaborando e promovendo mudanças em larga escala no país. A colaboração de "Todos pela Educação" foi citada como um exemplo. No entanto, alguns levantaram preocupações sobre a concentração de recursos na educação e questionaram se as pessoas podem tirar proveito das oportunidades de educação quando suas circunstâncias de vida são tão adversas. Outros mencionaram que alguns agentes sociais neste setor são muito carismáticos e, como consequência, estão recebendo todos os fundos.

Saúde - A saúde é outro grande setor da filantropia brasileira e, de acordo com alguns entrevistados, um setor bastante desenvolvido e maduro com hospitais e

instituições filantrópicas já estabelecidas, estimando-se que seja responsável por cerca de 10-15% da filantropia total. Aparentemente, este é um desenvolvimento das últimas duas décadas.

Mudança climática e meio ambiente - O financiamento neste setor tem sido geralmente fornecido por financiadores internacionais, especialmente aqueles voltados para a Amazônia. Estima-se que seja responsável por cerca de 5-10% do total da filantropia brasileira. Os financiadores brasileiros estão começando lentamente a financiar nestas áreas e muitos profissionais levantaram preocupações sobre o financiamento limitado, observando que devido à evidente natureza sistêmica dos desafios, o campo tende à colaboração. Um filantropo também levantou uma percepção de conflito entre conservação e subsistência.

Justiça social e direitos humanos - As fundações familiares estão se movendo fortemente para temas mais semelhantes à justiça social e aos direitos humanos. Estima-se que só 2 a 5% do total da filantropia é representado por esse setor. Eles estão abraçando temas tão variados como justiça no sistema de justiça criminal, desabrigo, doenças mentais, cidadania e valores democráticos, e violência baseada em gênero, entre outros. Mas o montante total do financiamento ainda é extremamente baixo.



Muito poucas empresas tiveram sua IPO (Inicial Public Offering) , o que significa que as famílias ainda controlam e dirigem empresas. Ainda é caridade em torno da empresa, embora feita de uma forma muito profissional, mas em grande parte focada na educação. Nos últimos anos, as famílias mais ricas, a segunda ou terceira geração, foram capazes de criar suas fundações em novos campos. Elas tendem a ser muito mais conscientes e sensíveis a causas como os direitos humanos.

- Profissionais

A concessão de subsídios é muito melhor que a implementação de projetos próprios.

É colocar dinheiro em organizações da sociedade civil e movimentos sociais que são mais flexíveis. Mas a ideia de desenvolver seu próprio projeto ainda é muito forte
- pelo menos 70% são fundações em funcionamento. – Profissional

A princípio, durante a pandemia, as pessoas disseram que fariam uma arrecadação de fundos para enviar alimentos por todo o país. Eu argumentei dizendo que deveríamos enviar dinheiro para as organizações que conhecemos e nas quais confiamos. Isso ajudará a desenvolver a economia local e será mais eficiente. Eles comprarão o que for realmente necessário e não o que acharmos necessário, porque estamos sentados em prédios climatizados em São Paulo.” – Profissional

Quando comecei, eu queria que a empresa familiar fizesse isso, porque teria sido muito mais fácil se eu tivesse a empresa atrás de mim.

Mas eles ajudam os jovens com educação e empregabilidade nas áreas ao redor da empresa.

Entendi que eu tinha que criar meu próprio projeto, pois a filantropia corporativa é limitada no que pode fazer – Filantropo

É a velha história de ser o braço de responsabilidade social das empresas vinculadas a programas internos ainda muito associados ao marketing e à comunicação. Com o nome da empresa, você sempre anexa um prêmio à imagem ou à marca e não pode ir muito longe. – Filantropo

Houve uma grande evolução. Você vê muitas organizações que se dedicam à concessão de subsídios e outras que operam programas e doam subsídios. E a porcentagem às vezes muda como uma fundação particular que costumava ser totalmente operacional e agora provavelmente está fazendo doações com mais frequência. Mesmo que as doações globais representem apenas cerca de 20%, há algum reconhecimento do mérito de fortalecer a sociedade civil.

- Profissional

A filantropia no Brasil ainda não está presente em termos de apoio aos direitos humanos e mudança sistêmica.

O setor é dominado pela filantropia corporativa, que é bastante conservadora em suas causas e metodologias.

É por isso que decidi fazer minha própria coisa, sozinho, e não com a família. – Filantropo

Estou investindo 100% em impacto e sustentabilidade e o Brasil certamente está indo nessa direção. Tanto o investimento ESG (econômico, social e de governança) quanto o investimento de impacto podem potencialmente levar a filantropia ou filantropia pode levar a investimentos de impacto e eles não devem competir.” – Filantropo

O caminho para a filantropia se tornará mais aberto a mecanismos financeiros além de doações. Começamos a testar como utilizar empréstimos, capital público e garantias para fornecer novos instrumentos financeiros que as fundações podem utilizar para criar mudanças sociais. – Profissional

Muitas pessoas no mercado financeiro são muito céticas e não querem fazer doações.

Especialmente as próximas gerações se concentram no investimento de impacto porque pensam que o dinheiro retorna e assim é melhor. Mas o investimento de impacto sozinho não pode resolver os problemas. – Profissional

Em investimentos de impacto, o Brasil está muito avançado dentro da América Latina. Não é exatamente filantropia, mas se conecta. Muitas organizações da sociedade civil também estão pensando – “como posso me transformar em um negócio social”? Muitas delas simplesmente não podem. Muitos filantropos pensam que é bom olhar para a possibilidade de retorno. Mas a filantropia e o investimento de impacto não precisam competir.” – Profissional

Acredito que a educação e a saúde constituem 95% do foco que temos aqui no Brasil. Algumas questões são as mais difíceis de encontrar financiamento, tais como direitos humanos e democracia.
– Profissional

O investimento filantrópico é muito concentrado na educação, e muito baixo em outras questões sociais, ambientais, climáticas, de saúde, juventude e violência especificamente. Quando se começa a falar de direitos humanos, o financiamento é tão baixo. – Profissional

Na educação, os resultados são lentamente visíveis, mas na conservação, é muito mais difícil.

Temos também um conflito entre conservação e criação de meios de subsistência. É possível ter ambos, e administrar a terra de forma que a natureza ainda possa persistir, e os agricultores ainda possam viver. – Filantropo

Acho que 60% do dinheiro da grande filantropia que vai para a educação é ruim. Quando uma pessoa vive em uma favela e não tem água corrente, esgoto ou comida suficiente, não vai se esforçar para investir em educação. E se for a melhor da escola, terá duzentas e quarenta e sete vezes menos oportunidades de emprego. Precisamos cuidar primeiro do básico, então as pessoas vão exigir e aproveitar as próprias oportunidades de educação.
– Filantropo

Estou preocupado com a justiça climática porque muitos acreditam que as questões ambientais são muito importantes, mas ninguém está abordando a justiça climática em um nível elevado aqui, e vamos viver alguns grandes desafios no Brasil e a filantropia não está falando sobre isso tanto quanto deveria. – Profissional

”

4. O papel da filantropia



Prevendo as necessidades básicas
e aliviando o sofrimento

vs.

Catalizando a **mudança sistêmica a longo prazo**

Programas de impacto governamental em escala
e **estabelecendo políticas**
e quadros legais

mas

Questionando **a capacidade filantrópica de influenciar**
o governo

A filantropia deve ser o **zelador da democracia, apoiar a sociedade civil** e tomar uma posição

mas

Dificuldade de se associar
com **opiniões políticas**

Debatendo a natureza da filantropia

Em um nível elevado, há um debate fundamental sobre o papel da filantropia na sociedade brasileira. Alguns acreditam que ela deve ser de natureza caridosa, ou seja, aliviar o sofrimento dos desfavorecidos e prover as necessidades básicas. Como na maioria dos tipos de financiamento de emergência, isto tende a ser mais de curto prazo, e alguns acreditam que a maioria da filantropia brasileira é muito atual e focada no curto prazo. Alguns também acreditam que os próprios filantropos querem ver o impacto em breve

e não estão dispostos a esperar cinco, dez, ou vinte anos. A maioria dos profissionais e especialistas acredita que a filantropia, especialmente em um país como o Brasil, deveria ser catalisadora, ou seja, focada na abordagem das causas fundamentais dos problemas sociais e ambientais e na condução de mudanças sistêmicas. Há também confusão quanto ao que constitui filantropia, e alguns filantropos afirmam que seus pares misturam o conceito de filantropia com caridade e pagamento de impostos.



Na verdade, a filantropia, por maior que seja, por mais rica que seja, não vai resolver nosso problema. Ela pode fazer um protótipo com o terceiro setor e pode mobilizar redes e recursos de conhecimento, mas não pode ser escalada até um nível federal, portanto, precisa ser capaz de dialogar e influenciar. – Filantropo

Este é um modelo completamente comunitário, mas é muito difícil entender como você seria capaz de dimensioná-lo sem ter o governo envolvido de alguma forma. – Profissional

A filantropia poderia pressionar o governo. Poderia competir com o governo e envergonhá-lo de fazer o que deveria fazer porque não há responsabilidade. E pode trazer políticas modernas, que são competitivas e, acima de tudo, trazer resultados. – Filantropo

Investir em 27 estados é um processo mais fácil do que investir de forma fragmentada em 5,568 cidades. Mas temos que olhar onde as coisas estão acontecendo. É por isso que estamos analisando cidades e ONGs e departamentos de educação em pequenas cidades para ver até que ponto eles podem influenciar amplamente seu entorno. – Profissional

O setor filantrópico mais independente e familiar entende que temos que trabalhar com o governo, com políticas públicas, mas não é uma relação fácil. – Filantropo

No Brasil, como filantropo você não cria políticas públicas, você ajuda organizações individuais como ajudamos mais de 15 hospitais atualmente, mas não resolvemos o problema de saúde. – Filantropo

A ideia por trás dos sistemas de mudança de filantropia é que você use o dinheiro da filantropia para influenciar a política ou programas governamentais. No Brasil, mais de 60% da filantropia está indo para a educação, que está sempre ligada ao governo. Isto é muito lento e requer muita paciência e não é fácil, mas eventualmente funciona. – Filantropo



Discutindo o papel do governo e a capacidade de influência da filantropia

Há um reconhecimento entre todos os entrevistados de que, quando o objetivo é atingir uma escala significativa, o governo também deve desempenhar um papel, seja em relação à implementação de programas específicos em escala, seja na definição de políticas e estruturas legais para

determinados campos. No entanto, discute-se o quanto a filantropia pode realmente influenciar as políticas públicas. Muitos filantropos acreditam que, mesmo que seja necessário trabalhar com o governo, não é uma tarefa fácil.

Explorando o papel da filantropia na política e na democracia

Surgiu uma discussão a respeito das dimensões “políticas” da filantropia, ou seja, suas interações com o sistema político e as instituições democráticas no Brasil. Alguns acreditam que a filantropia deve ser a guardiã da democracia. De modo geral, profissionais e especialistas falam sobre a necessidade de amparar a sociedade civil como um meio de garantir que a democracia possa prosperar. Enquanto alguns gostariam de financiar movimentos sociais, a visão predominante é que isso os associaria à esquerda do espectro político e em alguns

casos, especialmente para a filantropia corporativa, é difícil fazê-lo. Também foi observado que a filantropia pode ajudar a criar espaços de discussão, para fomentar o diálogo democrático, e que, por definição, em um país como o Brasil, a filantropia precisa tomar uma posição. Muitos profissionais e especialistas concordaram e querem que os filantropos aos quais estão associados tomem uma posição em relação à democracia, mas muito poucos estão dispostos a fazê-lo.



Muitas pessoas ricas acham que o governo deveria fazer tudo. O governo deveria cuidar da educação, saúde, natureza etc., e eu basicamente vou lavar minhas mãos e continuar a ganhar dinheiro e proteger o capital da minha família. – Filantropo

Eu estou muito mais preocupado em dar a vara de pesca do que o peixe. Como filantropo, essa é uma escolha. Mas não havia como não poder dar comida quando a pessoa está morrendo de fome, então a caridade também tem um papel.
– Filantropo

Não investimos na mudança das mentalidades ou do sistema. Quando os ricos chegam a uma comunidade pobre, eles tentam dar às pessoas o que elas pedem imediatamente. Com um pensamento de muito curto prazo, não se pode realmente desenvolver nossa sociedade. – Profissional

Precisamos estar dispostos a doar dinheiro a longo prazo e fazer um esforço conjunto na defesa de políticas públicas, para que vários atores se unam e sigam o mesmo caminho por muito tempo para fazer algo muito maior. – Profissional

Acho inacreditável como as pessoas colocam toda a culpa por nossos fracassos como nação sempre sobre o governo. A culpa é da sociedade. A sociedade não pressiona. A sociedade não pede. E eu vejo isso como um problema cultural. Nós, como sociedade, temos os recursos para resolver nossos próprios problemas – mas precisamos estar unidos para trabalharmos juntos. – Filantropo

A maioria doa o dinheiro para a emergência, no momento, mas não pensando realmente no longo prazo. Mais da metade da filantropia brasileira é orientada para a caridade e as próprias organizações têm essa abordagem – elas apenas recebem e gastam sem uma visão de sustentabilidade. É uma mentalidade que está mudando agora, mas ainda assim, é um processo. – Filantropo

Quando pensamos na mudança sistêmica, algo que é maior e levará décadas para ser alcançado, as pessoas desistem. Elas sabem que precisamos fazer isso, mas é muito complicado e não podemos ter certeza de que as coisas vão mudar. Vivemos em uma economia volátil – não se pode fazer doações planejadas durante quinze anos.
– Profissional

As pessoas pensam: “Eu já estou pagando impostos e tenho uma empresa, então já estou ajudando a sociedade”. O fato de que você está empregando alguém ajuda essa pessoa, mas você está fazendo isso porque precisa de funcionários. Esta concepção errada de colocar impostos, filantropia e caridade no mesmo pacote é um problema. – Filantropo





Ser uma boa organização filantrópica é ser essa voz, a guardiã da democracia independentemente do Estado. Devido a nossa história, nossa democracia está lutando contra a discriminação racial. Há uma função para a filantropia na resolução deste problema, mas a longo prazo a filantropia precisa ser a guardiã da democracia e a maneira de fazer isso é apoiar uma sociedade civil independente e próspera.” – Profissional

Estamos entrando na região lamacenta da polarização aqui. Os movimentos sociais no Brasil começaram a crescer durante a ditadura militar. É por isso que estão associados à esquerda. No entanto, os movimentos sociais estão apenas tentando superar os enormes desafios com crianças que não têm escola ou que experimentam violência em casa. Não se pode desenvolver seres humanos tendo uma infraestrutura tão terrível, sem higiene e sem água corrente. Mas poucos financiadores querem estar associados à esquerda.” – Profissional

Este fenômeno de ação coletiva nas favelas, na periferia das grandes cidades de todo o país, é muito forte. Temos também esta interseção de questões raciais e socioeconômicas de gênero.”
– Profissional

Temos muitos projetos com líderes sociais e filantropos estão começando a perceber que deveriam financiá-los diretamente, e que algumas grandes ONGs às vezes não têm legitimidade para falar por eles. Portanto, apoiar a sociedade civil, não apenas organizações, mas líderes individuais, é importante.
– Profissional

Os que não pensam de forma sistêmica estão tomando uma posição por omissão. A questão não é se um partido é de esquerda ou direita. Desigualdade, racismo etc., são questões políticas. Não precisamos deste tipo de filantropia no Brasil em que se pensa que o papel principal é apenas apoiar alguns projetos e ser imparcial. Se você está neste campo, lamento por isso.- Profissional

Tínhamos este sonho e pensávamos que a sociedade civil no Brasil iria abordar todos os problemas sociais e ambientais. Se eu fosse mais jovem e começasse tudo de novo, eu começaria a entrar na política. É incrível como tantos jovens querem entrar na política. Eles são idealistas e querem mudar o país, especialmente a corrupção que nos atormenta. – Filantropo

Temos um problema político porque muitos filantropos estão colocando dinheiro em campanhas políticas que vão contra o que estão apoiando com sua filantropia, contra um país justo. Desde que isso apoie seus interesses econômicos, eles apoiarão qualquer candidato.
– Profissional

Estas eleições estão mostrando pela primeira vez um maior envolvimento da sociedade com a nação. Não importa se é para defender um ou outro lado da política. Você pode ver que existe uma consciência e uma vontade de participar nas decisões do próprio país. Mesmo que a nação decida certo ou errado, ela está decidindo, e isto coloca alguma responsabilidade na mão de cada brasileiro.” – Filantropo

”

5. Igualdade na filantropia



Igualdade racial e de gênero, filantropia baseada em confiança e priorização do conhecimento local são cada vez mais discutidas, mas praticadas em diferentes graus.

Promoção da igualdade racial e de gênero

A sociedade brasileira está lidando com o legado do colonialismo e estruturas sociais discriminatórias permanecem em grande parte inalteradas. Fundamentalmente, nem todos acreditam que ser brasileiro, ou nascer no país significa realmente que todos são iguais e merecem os mesmos direitos e oportunidades. Alguns acreditam que a filantropia, em geral, ainda reproduz as formas coloniais. Isso foi declarado por um especialista: **“Acho que os portugueses vieram para cá e nós sempre fomos servos. Eles se consideravam exploradores. Essa é a relação e, de certa forma, ela é replicada na sociedade. Temos debatido muito recentemente o racismo estrutural, mas ele tem suas raízes em nossa psicologia coletiva e em nossa colonização.”** – Profissional

A maioria dos filantropos entrevistados disse que a igualdade racial, em alguns casos com fatores intersetoriais como gênero e renda, era uma das maiores questões da sociedade brasileira. Pelo menos 18 concordaram com a promoção da igualdade racial e pelo menos 14 demonstraram isso em suas próprias organizações ou estavam contratando ativamente para uma maior diversidade e inclusão. Pelo menos sete estão financiando ativamente iniciativas que promovem a igualdade racial, enquanto apenas três expressaram que a igualdade não era uma lente para sua filantropia. Nesse contexto, é importante observar que, dos 42 entrevistados, apenas três poderiam ser considerados não brancos do ponto de vista da aparência. Alguns notaram esta falta de diversidade no próprio setor.

“

Iniciamos isso, a igualdade racial, há cerca de 20 anos, com um relatório e na época, ninguém prestou atenção. Agora, é bom ver que muitas fundações estão fazendo isso.

– Filantropo

Eu estive neste evento filantrópico na semana passada e novamente todos os brancos – sim, muitas mulheres porque estamos no setor social. Há anos venho dizendo isto – como abrimos o círculo para incluir pessoas que são diferentes de nós mesmos? – Filantropo

A igualdade de gênero e o racismo são problemas graves e estruturais no Brasil. Vejo muitos projetos avançando, mas não acho que a mentalidade esteja totalmente voltada para isso. Há uma enorme lacuna. – Filantropo

Não gosto deste conceito de “empoderar as mulheres” ou “empoderar as mulheres negras”. Elas não precisam de mais ninguém para “empoderá-las” – elas só precisam que as condições sejam justas para todos. Elas podem fazer isso por si mesmas. – Filantropo

Acho que isso está acontecendo lentamente, especialmente porque a mídia está ensinando muito sobre igualdade racial. Mas isso não vai mudar rapidamente, uma vez que isso existe há séculos. Nós nem sequer percebemos ou nos damos conta de que estamos sendo racistas. Isto vai muito fundo. – Filantropo

Estamos totalmente comprometidos. Você tem que trazer todas as opiniões e neste caso, raça, sexo, idade e qualquer outra coisa para criar uma sociedade inclusiva. No passado, fizemos algo em nossas mentes brancas em que tínhamos que dizer “é errado porque eles têm uma abordagem diferente e nós nem mesmo verificamos isso”. Mas muitos brasileiros têm um problema profundo com o racismo. Eles acham que não é um problema, é apenas a cultura aqui. Mas quando você vai um pouco mais fundo, você vê que muitos de nossos problemas têm suas raízes no racismo. Mas alguns, mesmo em minha própria família, não acham que isso seja muito importante. Eles acham que é algo que acompanha o desenvolvimento econômico, no qual você não precisa se concentrar. – Filantropo

Estou financiando estas organizações que trabalham em prol da igualdade racial no Brasil. Elas têm dificuldade para arrecadar dinheiro. O que também está refletindo nas fundações e organizações sem fins lucrativos o perfil das pessoas com as quais se trabalha. Tenho visto mais esforços nas empresas para contratar mais pessoas negras, mas não o suficiente para a filantropia. – Filantropo

”

Igualdade

18 de 21 filantropos **concordaram com a promoção da igualdade racial**

(com gênero e interseccionalidade de renda)

14 refletem ou tentam **refletir a diversidade em suas próprias organizações**

7 estão financiando ativamente iniciativas que promovem a **igualdade racial**

Apenas 3 expressaram que a igualdade não era uma lente para sua filantropia.

Confiança

15 de 21 filantropos concordaram com a **importância das relações baseadas na confiança** Reconhecendo a **experiência** e o conhecimento das **organizações locais**.

21 de 21 profissionais e especialistas concordaram com a **necessidade de relações mais baseadas na confiança**.

Abraçando a filantropia baseada em confiança e priorizando o conhecimento local

A ideia por trás da filantropia baseada em confiança é que as organizações filantrópicas devem confiar em seus parceiros, especialmente naqueles que têm experiência ou proximidade com as comunidades e as questões que estão sendo abordadas. Isso implica um certo reconhecimento de que a filantropia não é para ser diretiva, mas sim de apoio à sociedade civil e que as organizações locais provavelmente têm mais experiência em certas questões do que as organizações filantrópicas. Embora as seis práticas contidas na abordagem do Projeto Filantropia Baseada em Confiança (dar financiamento plurianual e irrestrito; fazer o trabalho de casa; simplificar e agilizar a papelada; ser transparente e responsiva; solicitar e agir de acordo com o feedback; e oferecer apoio

além da verificação) sejam úteis, ainda é difícil descrever completamente a qualidade do relacionamento que a filantropia deve estabelecer com as organizações que ela apoia.²⁴

Em geral, os entrevistados tinham opiniões divergentes quanto ao fato de a filantropia brasileira estar adotando a filantropia baseada na confiança. Entre os filantropos, apenas 03 de 21 mencionaram a filantropia baseada em confiança, sem qualquer tipo de incômodo. Há também um equívoco no setor filantrópico em geral de que a filantropia baseada em confiança significa que você simplesmente doa o dinheiro e não se importa com os resultados, ou que as organizações não têm nenhuma responsabilidade.



Espero que todos entendam que enquanto o racismo e a discriminação de gênero não forem resolvidos, não resolveremos mais nada, pois todas as outras questões estão ligadas a isso, e as mudanças têm que ser estruturais. Não se pode resolver tudo, mas pelo menos visar fortalecer a liderança e a sociedade civil e incentivar os órgãos públicos a considerar isto. – Filantropo

Precisamos entender que o sistema em que vivemos gera desigualdade social e a desigualdade social gera o sistema em que vivemos. E quem vai nos tirar disto são os negros e os pobres, quando eles conseguirem articular as soluções que conhecem. Porque acho que entendemos muito pouco sobre o quão opressivo este sistema é. – Filantropo

Houve todo um movimento histórico desde o final do século XIX, para fazer as pessoas acreditarem que “aqui no Brasil não existe preto e branco, aqui no Brasil somos todos miscigenados”. Assim, foi criada uma ideia de uma democracia racial que não existe.
– Profissional

**Você só entende o privilégio quando está do outro lado, e os homens brancos nunca estiveram do outro lado, então eles resistem a isso. E a decisão sobre o dinheiro está nas mãos dos homens da família, os velhos homens. Não está nas mãos das mulheres ou da nova geração.
– Profissional**

Então eu pergunto à fundação: “Esta é sua equipe? Esta é a equipe que está tomando as decisões? Você está pensando em mudar o mundo com esta equipe”? Não estou falando se eles são inteligentes ou não - eles não são representativos de nossa sociedade. – Profissional

Não importa o quanto as fundações reconheçam, por exemplo, a desigualdade racial e de gênero, quando se olha para a estrutura das organizações, elas ainda são em sua maioria dirigidas por homens brancos. Ou seja, você tem pouca abertura para a diversidade nas posições de decisão. O terceiro setor tem muitas mulheres, mas poucas mulheres na liderança.” – Profissional

Quanto ao gênero, estamos nos saindo melhor no Brasil. Do ponto de vista empresarial, em termos de participação na força de trabalho, estamos chegando lá. Do ponto de vista racial, acho que estamos no outro extremo do espectro. A justiça social para a raça é provavelmente o maior alvo. – Filantropo

É importante, mas não é crucial. Não vou julgar um projeto ou uma organização por causa disso. Não é meu tópico. – Filantropo

Não, não somos racistas porque tratamos bem a todos. Aqui, não há conflitos como nos EUA. A África do Sul foi muito pior. E aqui no Brasil, somos um país muito miscigenado”. Mas certamente há racismo - mas não podemos admitir isso. Gostamos de ajudar os mais desfavorecidos, mas não queremos realmente mudar as coisas. – Profissional

As instituições filantrópicas no Brasil são extremamente brancas. Muito poucos filantropos têm uma política de diversidade interna. E os filantropos também tendem a ser brancos e privilegiados. Em nosso Conselho, o discurso é mais forte do que a ação. – Profissional





Temos um vínculo muito estreito com nossas comunidades. Isso porque construímos nosso trabalho desde o início juntamente com elas. Controlar não faz sentido - nós simplesmente não fazemos isso. Nosso ingresso, no meio do projeto, por exemplo, não é enquadrado como controle, é “como podemos ajudar”. E está ajudando a desenvolver nossos cidadãos. – Filantropo

Para minha surpresa, recentemente descobri que a filantropia baseada em confiança como assunto está sendo levantada em seminários e eu poderia participar como filantropo, mas não acho que seja uma tendência. É algo que está apenas começando a dar dinheiro sem tantas restrições e confiando que as organizações serão capazes de resolver seus próprios problemas. – Filantropo

Começamos a passar da caridade para a filantropia, para uma maior profissionalização e para nos concentrarmos no desenvolvimento social. E agora temos falado muito sobre filantropia baseada em confiança. Estou ouvindo cada vez mais sobre isso, mas acho que estou em uma bolha de pessoas que são mais parecidas comigo, geralmente mulheres, filantropos mais maduros, que querem se envolver e entrar em um relacionamento, trocando com as organizações que apoiam. – Filantropo

A filantropia baseada em confiança sempre fez muito sentido para mim. Por outro lado, nós também procuramos monitorar os resultados. E ainda deve haver um certo rigor. Penso que isto também faz parte da contradição da filantropia. – Filantropo

Eu prefiro uma relação de confiança e sempre doo dinheiro institucional sem restrições para que façam o que quiserem, já que têm mais consciência de onde o dinheiro pode ter o maior impacto. Gosto de fazer isso porque poucas pessoas doam assim - ninguém está disposto a assumir o aluguel! – Filantropo

Temos este projeto em uma região diferente do Brasil, e acreditamos, temos o melhor sistema naquele campo e temos que ir até lá e mostrá-los. E então você vai lá e descobre que os locais conhecem a cultura, e se você não os inclui e lhes dá a posição de liderança, eles sempre sentem que isto vem de longe e não é a cultura deles. Tudo tem que ser de baixo para cima e tem que vir do povo para ter sucesso. – Filantropo

Acho que a única maneira de prestar contas é por meio de números e de resumos escritos. Os líderes das comunidades geralmente não sabem como fazer isso e somente organizações que estão muito bem preparadas e têm pessoas disponíveis para elaborar esses relatórios são consideradas dignas de confiança para receber dinheiro. E nessa lacuna, eu tento entrar com minha maneira de fazer filantropia. – Filantropo

Estou trabalhando em um tema específico com uma grande aliança de líderes para poder falar e construir uma visão compartilhada, e produzir conhecimento para apoiar as mudanças. Muitas organizações de base estão conectadas com sua realidade e pensando em soluções. Assim, você dá acesso àqueles que não teriam acesso a este círculo de recursos financeiros e conhecimento. Para agir sistemicamente, é preciso agir em rede, em diferentes frentes e pensar na melhor maneira de colaborar. – Filantropo

Trabalhei em uma organização sem fins lucrativos e pude sentir em minha pele a falta de confiança. Não conseguia entender por que as pessoas olhavam para nós e tentavam nos controlar, e sempre nos olhavam com essa falta de confiança. – Profissional

A distância da realidade é para muitos filantropos muito grande e o que eles acreditam ser a solução na verdade não é.
– Profissional

Como a filantropia é independente das regras do sistema político e financeiro, ela tem liberdade de ação e poderia ser mais radical na forma como aloca seus recursos. Aqui no Brasil, a filantropia baseada em confiança se manifesta como patrimonialismo – significa que somente a confiança está em seus pares. Eu trabalhei para uma fundação e fui convocado para uma reunião em que dois homens brancos falaram ao filantropo “Ah, meu filho está na escola de sua neta, sabia? Em uma reunião, eles recebem R\$ 1.000.000,00 aprovados sem um plano de negócios, orçamento ou cronograma de entrega. Para outras organizações, precisaríamos de muitas reuniões e de uma proposta elaborada com orçamentos detalhados.

E o teto de apoio seria de R\$ 400.000,00. Mas outros podem sair com R\$ 1.000.000,00 – eles não deveriam sequer ser potenciais beneficiários porque já estão acessando recursos de um lugar muito privilegiado. Esta confiança reservada aos pares filantropos garante a manutenção da desigualdade mesmo em filantropia. – Profissional

Somos uma nação extremamente incrédula porque nunca vemos dinheiro sendo bem gasto. Há também aquela cultura de “se eu vou dar dinheiro, quem sabe o que eles vão fazer com ele”. Como brasileiros, simplesmente não podemos confiar. – Filantropo

Não importa se é filantropia familiar ou corporativa, mas a filantropia se comporta como se tivesse mais conhecimento, mais capacidade, e sabe o que é melhor. Precisamos reconhecer que há pessoas que conhecem as soluções muito melhor do que nós. – Profissional

Filantropia baseada em confiança significa reduzir os controles, ouvir mais e ter uma relação mais horizontal com as organizações. Entendendo também que uma organização não tem obrigação de fazer as coisas no tempo que quisermos. E a confiança permite a inovação e a capacidade das organizações de mudar para ter mais impacto. – Profissional

Em direitos humanos há um forte reconhecimento de que as organizações precisam ter mais atuação, mais autonomia, mais longo prazo e mais financiamento, mais flexibilidade, projetos menos restritivos e pouca exigência de relatórios. Todos esses são os desdobramentos de nossas subvenções, mas há mais quando falamos de confiança. Quando você pode criar um espaço de troca para não justificar a existência do financiador, você pode ter um papel muito significativo ouvindo e dando uma perspectiva diferente. Não é um direcionamento, é uma verdadeira parceria, mas os elementos que compõem uma relação baseada em confiança não são tão fáceis de identificar – são coisas muito sutis. – Profissional

”

6. Filantropia de mudança sistêmica



Alguns filantropos progressistas estão reconhecendo seu privilégio, abordando dinâmicas de poder e desigualdade e encorajando mudanças sistêmicas, apoiando uma sociedade civil forte e independente.

Reconhecendo o privilégio

A maioria dos entrevistados em geral compreende a contradição fundamental no âmago da filantropia. Nossos sistemas sociopolíticos e econômicos permitem que alguns indivíduos acumulem fortunas, em alguns casos sem consideração pelo meio ambiente e pelos outros seres humanos, e depois “devolvam” uma parte relativamente pequena de sua riqueza por meio da filantropia. Um elemento importante para que os filantropos e suas fundações estejam dispostos a apoiar a mudança sistêmica em uma escala maior é que os filantropos e suas fundações enfrentem sua própria posição privilegiada no sistema, independentemente de terem

se beneficiado do sistema ativa ou passivamente. Entre todos os entrevistados, pelo menos 33 mencionaram seu privilégio de forma espontânea. Pelo menos 15 filantropos estavam plenamente conscientes de seu privilégio e muitos disseram que seu compromisso com a filantropia era motivado por esta consciência. Alguns também viram seu próprio privilégio, não apenas em níveis de riqueza - mas até mesmo na conveniência de se envolver na filantropia e no voluntariado, ou em outras formas de privilégio. Pelo menos 18 profissionais e especialistas mencionaram a percepção de que também eles estão em posições privilegiadas, espontaneamente.

33 dos 42 entrevistados reconheceram seu privilégio
e de forma espontânea.

15 dos 21 filantropos acreditam no apoio à mudança sistêmica o fazem com pelo menos uma parte da sua filantropia

5% estimado da filantropia brasileira se concentra na mudança sistêmica

12 a 15 é o número estimado de filantropos progressista

Estão apoiando as mudanças sistêmicas

Estão dispostos a abordar a dinâmica do poder em sua doação

Estão apoiando o desenvolvimento de uma sociedade civil forte e independente



Eu me tornei um filantropo, pois entendi que deveria compartilhar meu privilégio porque tenho dinheiro para financiar as coisas com as quais me preocupo. – Filantropo

Vejo muitos fazendo, mas não abordando as questões mais profundas de nossa cultura, nossa história e nossa maneira de ser, e isso tem que mudar porque há muito privilégio, e nós temos mais do que precisamos, definitivamente muito mais do que precisamos. – Filantropo

Esta abordagem colonizadora de cima para baixo é parte da cultura no Brasil. Não perguntar às pessoas o que elas precisam, o que elas querem, o que é importante para elas, e apenas assumir da perspectiva de cada um que é o melhor porque eu estou dando isso para que elas fiquem gratas. Mas este ponto de vista ainda é, infelizmente, o predominante. – Profissional

É difícil superar a dinâmica de poder de alguém que tem muito dinheiro e de alguém que não tem e precisa dele. Temos um grupo de ONGs trabalhando conosco com dinâmicas de poder mitigadas e construção de confiança, trabalhando sobre uma estrutura aberta e transparente para o desenvolvimento em que escolhem seus próprios caminhos. Temos o compromisso de pelo menos cinco anos com eles, com montantes fixos de recursos financeiros e monitoramento sendo feito por ambos os lados. A construção da confiança exige diálogo, escutar, sentar e falar, e não apenas criar uma estrutura. Não é fácil, mas nós nos esforçamos para isso. – Profissional

Não estamos falando de mudar todo o sistema socioeconômico do Brasil, porque mudar isso é assustador. E muitas de nossas famílias e nossa riqueza foram beneficiadas por esse sistema. – Filantropo

Um dos movimentos em que participei são todas mulheres brancas do terceiro setor. Começamos a falar em trazer diversidade para o comitê, mas neste nível, somos todas voluntárias. Portanto, tivemos que pensar sobre isso porque o voluntariado é um privilégio, e nem todos podem fazer isso.” – Filantropo

A pobreza não é a falta de dinheiro – é também uma mentalidade. Precisamos enfrentar a pobreza com empatia e reconhecer que as pessoas pobres também têm poder e dignidade. Por isso, jamais os chamamos de vulneráveis. A transformação social só acontece quando as comunidades se tornam protagonistas de sua própria mudança.” – Profissional

Não é apenas o quanto você está doando e pelo que você está doando, mas como você está doando. Se você quer mudar as assimetrias de poder em nossa sociedade, você tem que ser capaz de estabelecer uma relação com menos assimetria. Você sempre terá poder. Você pode reconhecer isso, e fazer parte de sua própria reflexão. E compreender como seria difícil para uma organização à qual você doa dinheiro falar e dizer-lhe que este não é o caminho certo, ou você simplesmente não o vê por que não tem a experiência. Quais são os canais que você abriu para ouvir os parceiros? Quantas vezes você convida as pessoas para lhe apresentar uma visão diferente? – Profissional

Percebi que o que fazemos como uma organização filantrópica tem impacto no setor. Há o poder que a filantropia tem de institucionalizar práticas que é nossa maior capacidade de influência. O que dizemos, o outro faz e isso vai levar tempo para mudar, por causa da relação de poder. – Profissional

Não sei se é por causa dos horrores que vivemos nos últimos quatro anos, mas a filantropia percebeu que não basta apenas executar programas para beneficiar populações específicas e oferecer o básico. Há mais abertura para falar de questões difíceis, como o racismo, o sexismo, ou a naturalização da violência. Começa-se a abraçar questões estruturais e sistêmicas em nosso país. Não podemos avançar com a democracia, com justiça social, se não abordarmos estas questões. – Profissional

A mudança sistêmica é a maior tendência. Nos últimos dez anos, ela realmente se tornou uma conversa entre nossos pares, mais evidente, clara e expressiva. Nós insistimos na mudança das políticas públicas, para tratar das causas fundamentais. Nós nos tornamos mais humildes e compreendemos que não se trata de projetos e que talvez precisemos trabalhar ao lado de nossos pares e outros atores. Aprendemos a não apenas sentar em nossas cadeiras e dizer o que precisa ser feito sem compreender as realidades locais e sem estabelecer essa relação de confiança que é tão importante. – Profissional

Vejo duas maneiras de abordar a mudança sistêmica: uma é apoiar as organizações, pois se entende que a mudança acontecerá quando os atores estiverem mais capacitados e tiverem os meios de tomar suas próprias decisões para promover a mudança em diferentes níveis. A outra é uma abordagem mais orquestrada, desenvolvendo estratégias amplas e abrangentes com vários atores. Sinceramente, não sei qual seria mais eficaz, mas escolhemos a primeira. – Profissional

Precisamos discutir a mudança sistêmica e entender que tipo de mudança queremos. Assim, criamos outra forma de pensar sobre uma abordagem colaborativa. Vamos reunir um grupo não só de filantropos, mas também de organizações com uma visão comum, que realmente ajude a medir o impacto e busque saber se estamos indo na mesma direção. – Profissional

Vejo uma vontade de avançar nessa direção. Mas os sistemas mudam... Estamos longe disso. Nossos planos são de muito curto prazo. – Profissional

No Brasil, não creio que haja esse nível de sofisticação para a filantropia e mudança sistêmica. Estamos tão satisfeitos que qualquer pessoa está doando algum dinheiro. E se você vê o pouco que eles estão doando para a sociedade civil, é realmente difícil. Eu acho que os filantropos brasileiros não acreditam no poder da sociedade civil como um agente de mudança. – Profissional



Abordando a dinâmica do poder

A dinâmica de poder na doação foi discutida com os profissionais e especialistas. O doador geralmente tem o poder, e muitas vezes, apesar da melhor das intenções, é difícil para os financiadores entenderem como esse desequilíbrio de poder afeta suas relações com as organizações que eles apoiam. Parte da resposta está em ouvir mais e também pedir mais

para realmente entender o que os parceiros querem, em vez de fazer suposições baseadas no que eles pensam que precisam ou acreditam que como financiadores eles sabem melhor.

A importância de reconhecer a capacidade da filantropia de influenciar os outros e moldar o setor também foi notada.

Apoio à mudança sistêmica em campos específicos

Com relação à filantropia e mudanças sistêmicas, 15 dos 21 filantropos acreditam que é importante e pelo menos parte de sua filantropia poderia ser utilizada para essa abordagem. Essa filantropia visa tanto movimentar recursos governamentais quanto apoiar uma solução comercial viável para uma escala significativa de sustentabilidade. Mas nem todos acreditam que ela esteja sendo praticada o suficiente.

Foi argumentado que, embora muitos concordassem com o conceito de filantropia e mudanças sistêmicas, esta abordagem provavelmente representa apenas cerca de 5% de toda a filantropia brasileira. Quando a filantropia apoia a mudança sistêmica, ela geralmente se concentra em um sistema setorial específico, por exemplo, mudança sistêmica para o desenvolvimento infantil ou educação primária.

Abordando a desigualdade por meio da mudança sistêmica

A maioria dos entrevistados concordou que a maior questão no país é a desigualdade, mas muito pouca filantropia se concentra diretamente nela. No entanto, a filantropia não pode ser solicitada para mudar todo o sistema sociopolítico e econômico de um país e, por si só, não poderia desempenhar um papel tão grande na redistribuição da riqueza para ter um impacto sobre a desigualdade em um país do tamanho do Brasil. Entretanto, iniciativas como transferências incondicionais de dinheiro ou renda básica universal²⁵ têm sido citadas como uma forma pela qual a filantropia pode ajudar a enfrentar a pobreza e, indiretamente, a desigualdade. Muitos dos filantropos entrevistados entendem estas questões e observaram que às vezes não acreditam que seus recursos sejam suficientes para enfrentar diretamente a desigualdade. Muitos também acreditam que a verdadeira filantropia não

tem a ver com "caridade" para com os pobres, mas sim com a intenção de proporcionar igualdade de oportunidades para todos os brasileiros.

Enquanto a filantropia pode assumir vários papéis, em um país como o Brasil, com sua história particular e seu estágio de desenvolvimento, uma parte fundamental de seu papel é apoiar uma sociedade civil próspera e independente. A sociedade civil é a espinha dorsal que ajuda as sociedades a se desenvolverem e a institucionalizarem o progresso. A filantropia pode certamente ter um papel no financiamento do desenvolvimento de organizações da sociedade civil sólidas e independentes, que ao longo do tempo exigirão os direitos que todos os brasileiros merecem e demonstrarão diferentes maneiras de proporcionar o que os brasileiros precisam.

O **maior problema** do país: **a desigualdade**

Mas a **filantropia por si só não pode mudar** todo o **sistema sociopolítico e econômico**

No entanto, **ela pode apoiar** o desenvolvimento de uma **sociedade civil próspera e independente**

O que pode **ajudar a enfrentar a discriminação estrutural**

E proporcionar **igualdade de oportunidades para todos** os brasileiros



Eu acho que é um desafio porque mesmo que eu diga que a desigualdade é o maior problema, todo o meu dinheiro e todo o dinheiro de minha família não é suficiente para mudá-la, e todos os outros também não estão contribuindo. – Filantropo

Acho que a filantropia pode promover algumas agendas, mas não é uma verdadeira revolução urbana. Trata-se de um resultado da acumulação de riqueza e não podemos olhar para isso sem a ideia de desigualdade e pobreza que faz parte do sistema. Trata-se da má dimensão da filantropia, e temos que levar isso em conta. – Filantropo

O reino da filantropia pode assumir essas questões estruturais que criam uma falta de oportunidade para todos nós, brasileiros. Se é pura filantropia, não se trata apenas de ajudar as pessoas pobres, trata-se simplesmente de compensar essa falta de oportunidade. É fazer com que as pessoas se organizem para que isso aconteça. É apoiar a sociedade civil. – Filantropo

Nós sempre pensamos que o problema não é nosso. O problema são as pessoas pobres. O problema é o Norte do Brasil. O problema é este político ou aquele político. O problema é o rico. Mas nós somos a sociedade e todos juntos somos o problema. Precisamos fazer escolhas e sermos senhores do nosso papel nos problemas. Precisamos estar dentro do problema para que possamos construir uma solução. – Profissional

Só tentando ser justo com as pessoas entendemos que ninguém nasce como um criminoso, mas estamos expostos a um sistema quebrado e alguns estão mais expostos e outros menos. E como posso fazer um julgamento sobre alguém que cresce em uma favela sem condições sanitárias? Temos que reformular nossa mentalidade porque, se não o fizermos, não estaremos pagando pelo tipo de justiça que queremos ver. – Filantropo

Acho que muitas pessoas ricas no Brasil acham que merecem estar nessa posição. Por que eles deveriam merecer? “Oh, eu trabalhei tanto para chegar onde estou e todos podem trabalhar duro como eu”. Se ao menos eles pudessem entender que todo brasileiro ‘merece’ oportunidades. Não é caridade, não é filantropia, é um direito deles. – Profissional

Acho que isso reflete como eles veem a filantropia apenas como este pequeno lado de sua vida, como em “estou fazendo algum bem aqui e é tudo o que posso fazer”. Sejam realistas, seria muito difícil para os filantropos assumirem todo o sistema. – Profissional

É um desafio ter uma visão sistêmica. É fácil ter uma base e conseguir fazer um bom trabalho em seu setor ou agenda. Mas estamos fazendo filantropia no Brasil, em que temos raças e desigualdades, e organizações da sociedade civil que devem ser fortalecidas. Muitos filantropos só querem contribuir para projetos e não querem tomar uma posição. Mas eu acho que não é o bastante porque não tomar uma posição já é tomar uma posição. – Profissional

Temos uma enorme concentração de riqueza nas mãos de poucas pessoas e também temos o ressurgimento de forças autoritárias e antidemocráticas. Alguns filantropos operam assim: “Preciso colocar mais dinheiro em alguns campos e preciso distribuir um pouco mais de recursos em alguns lugares”. Portanto, vou distribuir cestas básicas para as pessoas, ou construir uma escola em uma favela”. Isto não muda a estrutura. Não podemos enfrentar as desigualdades sem enfrentar o problema da assimetria na distribuição do poder e do acesso ao poder na sociedade brasileira. A base social, a sociedade civil e a filantropia poderiam caminhar juntas. Algumas pessoas acreditam que dentro do processo político atual a filantropia está desempenhando um papel na manutenção do próprio status quo. – Profissional

O principal valor da filantropia no Brasil é apoiar organizações da sociedade civil e tornar-se uma parceira do governo para implementar novas políticas públicas com transparência. Ainda ouço os filantropos falar sobre a ideia de fazer o que o governo não pode fazer, mas não é isso. Se eu colocar muito dinheiro nas organizações da sociedade civil, elas serão suficientemente fortes para conversar e, se necessário, fazer frente ao governo. – Profissional

Em minha opinião, a filantropia tem que fazer um papel mais político. Seria bom que discutissem como se distribui a riqueza. Nosso salário-mínimo aqui deveria ser de R\$ 6.000,00. É R\$ 1.000,00. Primeiro, precisamos conseguir uma renda mínima garantida para o povo. Há muitos projetos de renda mínima e eles não são aprovados. Mas precisamos garantir isso. Trata-se de dignidade humana e há dinheiro mais do que suficiente no Brasil. – Profissional

Mais subsídios, mais dinheiro para causas progressivas ou mais mudanças sistêmicas.
– Filantropo



Precisamos de organizações sociais mais fortes, mais influentes, capazes de criar uma sociedade equitativa, uma sociedade brasileira justa. – Profissional

Existe uma filantropia mais tradicional, uma filantropia que trabalha com um caráter assistencialista e uma filantropia diferente, mais progressista, mais vanguardista, na qual a filantropia é responsável por nutrir um campo fértil para a ação, para que a sociedade se desenvolva em sua diversidade e para apoiar as mudanças sistêmicas. Ela não é necessariamente responsável por implementar ações de acordo com a visão de cada filantropo, a partir de seu poder econômico, pois isso pode até ser perigoso. – Filantropo

Temos um grupo muito pequeno de doadores, talvez dez ou doze pessoas, que eu chamo de progressistas, que apoiam profundamente não só financeiramente, mas também por serem membros do Conselho. Eles são muito comprometidos, trabalham com confiança, ouvem mais, estão bem conectados, e abrem portas no governo. Eles apoiam a defesa e as organizações que estão em mudanças sistêmicas. Estas organizações só foram apoiadas por financiadores internacionais no passado e agora recebem apoio destes doadores brasileiros. – Profissional

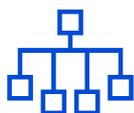
Uma coisa boa é que temos filantropos progressistas que estão usando seus nomes e seu poder político. Eles estão disseminando a informação e tentando convencer outros a fazerem as coisas de maneira diferente. Eles estão tentando promover o que chamamos de mudanças sistêmicas, numa visão mais crítica, olhando para as externalidades de suas ações e não apenas para a mentalidade tradicional que diz: Ok, estou ficando mais rico e doando uma pequena parte do meu patrimônio. – Profissional

“

Simplemente **nossas estruturas sociais e econômicas** não valorizam a **igualdade de oportunidades**. **A filantropia** consiste pura e simplesmente em **corrigir os problemas estruturais**, pelos quais, de alguma forma, **todos nós somos responsáveis**. Assim, **todos podem ter as oportunidades que merecem** para serem os autores de seus próprios destinos. ”

– Filantropo

7. Setor filantrópico



O setor filantrópico se tornou mais profissional com organizações de base forte, enquanto os setores sem fins lucrativos e da sociedade civil precisam de mais apoio e desenvolvimento.

Profissionalização do setor filantrópico

A maioria dos entrevistados concorda que o setor filantrópico no Brasil certamente cresceu e se tornou mais profissional nos últimos anos. Além disso, existem organizações fortes que apoiam a filantropia de forma estratégica, como descrito no campo "organizações que apoiam a filantropia no Brasil", que inclui organizações-chave, tais como organizações sem fins lucrativos, organizações de pesquisa e acadêmicas e entidades de consultoria.

O setor filantrópico foi descrito como maduro, forte, profissional, qualificado e que utiliza as melhores práticas. Mas, por outro lado, também foi descrito como um pequeno setor que opera em uma "bolha", em que às vezes as ações não se alinham

com o discurso, que tende a concentrar o financiamento com um foco restrito em algumas áreas e, em alguns casos, em poucas grandes organizações sem fins lucrativos. Alguns levantaram questões relacionadas à falta de oportunidades de capacitação para as pessoas que vão para o campo e para aqueles que já estão nele. Falou-se também da necessidade de reconhecer o próprio poder do setor para institucionalizar as práticas e mobilizar outras. Um ponto-chave também foi levantado sobre a natureza única da filantropia brasileira - em termos de desenvolvimento de sua própria identidade, que pode aprender e compartilhar com a filantropia em outras partes do mundo, além de lembrar a enorme diversidade do Brasil.

O setor filantrópico

Visto como

Maduro, forte, profissional e que utiliza as melhores práticas

Com organizações fortes apoiando a filantropia

Mas operando em uma pequena "bolha" e enfrentando desafios

Falta de oportunidades de treinamento

Necessidade de reconhecer ainda mais o poder do setor

Necessidade de desenvolver uma identidade brasileira única

O setor sem fins lucrativos e da sociedade civil

Desafios adicionais

Falta de confiança no setor

Ser mantido em padrões diferentes dos das empresas

Necessidades prioritárias de desenvolvimento

Melhorar a qualidade da gestão em todo o setor

Acesso a financiamento adicional de longo prazo sem restrições

Treinamento adicional sobre como influenciar o governo

Desenvolvimento do setor sem fins lucrativos e da sociedade civil

A maioria dos entrevistados concordou que as organizações sem fins lucrativos e a sociedade civil em geral enfrentam uma série de desafios e têm necessidades de desenvolvimento. Um estudo anterior de 2015 identificou várias barreiras para uma maior doação, incluindo a falta de confiança no setor sem fins lucrativos²⁶, que ainda parece prevalecer. Ao mesmo tempo, uma reflexão chave é o nível ao qual as organizações sem fins lucrativos são mantidas em padrões diferentes dos das empresas, e a falta fundamental de confiança que foi

citada anteriormente. O mais importante seria desenvolver a capacidade de levantar fundos adicionais sem restrições, a longo prazo, e combater ideias conservadoras sobre não financiar o marketing ou não incentivar os gerentes de organizações sem fins lucrativos.

A necessidade de melhorar a qualidade geral da gestão no setor foi reconhecida. As organizações sem fins lucrativos no Brasil também não estão apresentando propostas de mudanças sistêmicas bem desenvolvidas.

“

Acho que temos um **campo maduro** em que se tem muitas contribuições, além de boas práticas e exemplos de como se pode oferecer uma filantropia na sua melhor forma. Mas, ao mesmo tempo, **é um campo muito restrito e estamos falando para nós mesmos em um grupo muito pequeno em uma bolha.**”

– Filantropo



Temos grandes fundações, fundações corporativas e fundações familiares, e a maioria delas são muito bem-organizadas e contratam bons profissionais.
– Filantropo

Eu diria que agora temos fundações e organizações mais fortes, mas não temos capital realmente circulando em comunidades de baixa renda.
– Profissional

A filantropia no Brasil produz outro tipo de concentração de recursos. Quando vão fazer suas doações, procuram organizações que já são grandes, que já mostram grandes resultados. Assim, são muito poucas as organizações que recebem muitos recursos em algumas agendas específicas. – Profissional

Alguns setores da sociedade civil se profissionalizaram muito, criaram metodologias, reuniram experiências, produziram conhecimentos e ainda estão muito ligados aos movimentos. As agendas que são criadas, as bases de apoio, estão totalmente ligadas às necessidades do campo e isso é ótimo. Por outro lado, novos conceitos começam a surgir e as pessoas os incorporam em seus discursos, em suas narrativas, mas não em suas ações. – Profissional

As equipes dos financiadores têm conhecimento limitado sobre como fazer filantropia, como ter mais impacto e ter investimentos de longo prazo. Não há uma grande oferta no Brasil para uma pessoa que vai trabalhar no setor filantrópico ser capacitada em uma universidade para aprender sobre seu papel e as melhores metodologias que existem.
– Profissional

Precisamos coordenar setores para soluções, juntamente com o sector público e o terceiro setor, todos juntos. Filantropistas e filantropos podem organizar discussões, porque estão num local muito privilegiado para dizer 'Venha aqui para o presidente da câmara. Vamos falar juntos sobre o que podemos fazer juntos. Fazemos isto, e nós faremos aquilo, e juntos talvez possamos seguir em frente' – Profissional

As pessoas não acreditam nas organizações sem fins lucrativos porque tivemos exemplos terríveis no passado, e quando há más práticas, todos dizem: "Você se lembra? Eu digo: 'Uau! Mas você se lembra das muitas empresas que também tiveram problemas? E você está investindo no mercado de ações em Nova York? Então, nós temos um problema de confiança." – Profissional

Devemos aprender com as experiências dos outros, mas não devemos apenas importar práticas. Deveríamos construir esta mentalidade especificamente brasileira. Não é nem o Brasil como país, mas são as regiões e circunstâncias específicas, porque há uma diferença muito grande num país federativo como o Brasil. – Profissional

As pessoas que trabalham em filantropia são bastante qualificadas. No setor sem fins lucrativos em geral, há alguns dogmas como, por exemplo, não se deve gastar tanto em marketing, não se deve gastar um centavo em sua matriz ou sede, o que é ridículo. Eu sei que ninguém quer financiar uma parte disso, o lado operacional. E não temos incentivos para que os melhores gerentes entrem em organizações sem fins lucrativos. – Filantropo

Ainda não vejo dentro dessas organizações muitas habilidades para trabalhar com políticas públicas. É importante trabalhar em questões que mobilizam a sociedade e trabalhar com a infraestrutura subjacente da sociedade, como uma mídia independente - mas trabalhar com essas questões não é sofisticado. – Profissional

Geralmente não apresentam seus padrões aos filantropos e não dizem “Bem, você está me dando R\$ 50.000,00 por um ano e isso não funciona. Precisamos pelo menos dessa quantia e precisamos dela por vários anos”. A maioria das organizações está tão grata por receber algo que não retorna e diz: ‘bem, poderia ser melhor’. Eu também acho que a sociedade civil precisa se intensificar. – Profissional

Um problema é a falta de dados - não apenas em campos específicos, mas em geral. Por exemplo, qual é a dimensão do terceiro setor na economia do Brasil? Quantos funcionários ele emprega? Onde estão as pessoas que precisam de ajuda? Nós simplesmente não temos números. – Profissional

A qualidade da gestão não é grande na maioria das entidades sem fins lucrativos e é apenas um desafio.

– Profissional

A outra coisa é que, dez anos atrás não havia um mercado para captação de recursos, portanto, não havia um local de financiamento público. Havia muito poucos consultores e organizações que podiam adicionar um link de doação em seus sites. Agora existe esta estruturação do campo e isso é muito importante. – Profissional

”

Organizações que apoiam a filantropia no Brasil

Os resumos abaixo descrevem as principais organizações de apoio ao setor filantrópico no país, que incluem organizações filantrópicas, organizações de pesquisa e acadêmicas e entidades de consultoria.

Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE)

Criado informalmente em 1989, e formalmente em 1995, conta atualmente com uma rede de mais de 160 membros que juntos contribuíram com R\$ 5,3 bilhões em investimentos sociais em 2020, de acordo com dados do Censo GIFE. A organização considera o investimento social privado como a transferência voluntária de recursos privados de forma planejada, monitorada e sistemática para projetos sociais, ambientais, culturais e científicos ou organizações de interesse público. O GIFE opera com a missão de melhorar e disseminar conceitos e práticas de uso de recursos privados para o desenvolvimento do bem comum. Visa contribuir para a promoção do desenvolvimento sustentável no Brasil, por meio do fortalecimento político-institucional e do apoio ao desempenho estratégico de institutos e fundações e outras entidades privadas que fazem investimentos sociais voluntários e sistemáticos no interesse público.

www.gife.org.br

Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS)

É uma organização da sociedade civil de interesse público, fundada em 1999, com a missão de inspirar, apoiar e expandir o investimento social privado e seu impacto, que trabalha com pessoas físicas, famílias, empresas, fundações e institutos corporativos e familiares, assim como organizações da sociedade civil em ações que transformam realidades e contribuem para a redução das desigualdades sociais no país. Seu trabalho está baseado no tripé de gerar conhecimento, consultoria e realização de projetos de impacto, que contribuem para fortalecer o ecossistema da filantropia estratégica e a cultura da doação. O IDIS define investimento social privado como a alocação voluntária e estratégica de recursos privados, sejam eles financeiros, em espécie, humanos, técnicos ou gerenciais, para benefício público. O IDIS acredita que para promover a transformação social, é necessário que esse investimento seja feito com planejamento estratégico fundamentado em dados, com indicadores pré-definidos, execução cuidadosa, monitoramento de resultados e avaliação de seu impacto.

www.idis.org.br

Stanford Social Innovation Review (SSIR) - Brasil

Lançada em 2022, a Stanford Social Innovation Review Brasil é a edição brasileira em português da publicação de referência mundial em inovação social. Publicada originalmente em 2003 pelo Centro de Inovação Social da Stanford Graduate School of Business, a SSIR tem sido publicada pelo Centro de Filantropia e Sociedade Civil de Stanford (PACS) desde 2010. Foi trazida ao Brasil por um grupo de patrocinadores institucionais filantrópicos, incluindo o Instituto Humanitas360, Fundação José Luiz Egydio Setúbal, Samambaia Filantropias e Movimento Bem Maior. Com profundo conhecimento local e linguagem acessível, a revista SSIR Brasil publicará traduções de alguns dos melhores artigos da SSIR EUA, de outras edições internacionais da SSIR, bem como artigos brasileiros. A SSIR Brasil pretende se tornar uma plataforma que reúne a comunidade acadêmica, profissionais do terceiro setor, investimento social privado, movimentos sociais e o público em geral interessado na inovação social no Brasil.

www.ssir.com.br

Iniciativas Mundiais para Apoio de Financiadores - (WINGS) (Worldwide Initiatives for Grantmaker Support)

Lançada em 2000, a WINGS Brasil foi constituída na cidade de São Paulo em 2010. É uma rede de organizações de desenvolvimento e apoio filantrópico comprometida em garantir que a filantropia atinja seu potencial máximo como catalisadora da mudança social transformadora necessária para construir um mundo mais justo, equitativo e sustentável. Sua crescente comunidade de líderes de pensamento e transformadores inclui mais de 190 organizações membros em mais de 50 países. A WINGS trabalha para garantir que os atores filantrópicos em todo o mundo tenham o conhecimento, as ferramentas e o ambiente de apoio para criar mudanças transformadoras em nível individual, local e global. Especificamente, seu trabalho é organizado em três áreas de impacto que, sob seu ponto de vista, em conjunto, oferecem o maior potencial para criar uma mudança sistêmica duradoura: inteligência coletiva, fortalecimento dos ecossistemas e defesa e política. Embora a WINGS seja uma organização global, a decisão de estar sediada no Brasil também ajuda o setor filantrópico brasileiro.

www.wingsweb.org

8. O crescimento da filantropia



Ampliar a colaboração e melhorar o cenário jurídico e fiscal para a filantropia poderia estimular um crescimento considerável.

Aumentar a colaboração de maneira significativa

A maioria dos entrevistados (34 de 42) desejava mais colaboração. Os filantropos brasileiros acreditam esmagadoramente que uma maior colaboração é fundamental e reconhecem a necessidade de alinhar seu trabalho e reduzir a dispersão de recursos no setor. Alguns apontaram que eles fazem parte de alguns novos grupos do WhatsApp que visam promover mais colaboração em filantropia. Globalmente, há um aumento da filantropia colaborativa, e esta tendência também está presente no Brasil²⁷. Entretanto, a colaboração em filantropia significa coisas diferentes para pessoas diferentes e não é a mesma coisa que cooperação. Há todo um espectro de colaboração, desde a troca de conhecimento até estratégias de alinhamento, além de financiamento independente, até o financiamento conjunto e muitas opções no meio. A forma de colaboração que mais pode contribuir para mudar a filantropia é o cofinanciamento ou o fundo comum. Em nossa lista de

21 filantropos, pelo menos 16 já estão cofinanciando com outros. Alguns filantropos apontaram a enorme dispersão de recursos no setor e a necessidade de maior colaboração. Eles também levantaram o fato de que a maioria dos filantropos prefere fazer sua própria ação, e geralmente lançam sua própria iniciativa sem primeiro considerar se outra pessoa já está fazendo algo semelhante. Entre os profissionais e especialistas, pelo menos 18 citaram a colaboração como o desenvolvimento mais importante para a filantropia brasileira. O campo “colaborações filantrópicas com filantropos e fundações brasileiras” inclui vários exemplos de colaborações que envolvem cofinanciamento por pelo menos um financiador filantrópico do Brasil. Eles abrangem diversos tópicos, incluindo desenvolvimento infantil e fim da violência contra crianças, mudança climática, preservação, educação, mudança social e justiça social.

Alinhando o cenário jurídico e fiscal

Enquanto a maioria concordou que o regime fiscal não deveria ser o principal motor da filantropia, 33 dos 42 entrevistados argumentaram que ele pode ajudar a aumentar a doação e viram a estrutura jurídica e fiscal como uma das três principais questões que retêm a filantropia. Embora a decisão de doar não seja normalmente influenciada pela dedutibilidade fiscal, o valor doado tende a ser maior quando há uma dedução fiscal, e às vezes uma organização específica é escolhida por causa de sua capacidade de oferecer uma dedução fiscal. Houve amplo consenso entre

os entrevistados de que um melhor cenário legal e fiscal poderia ajudar a incentivar mais doações, mas as especificidades variam. Alguns argumentaram para remover o imposto extra que as pessoas têm que pagar além das doações. Alguns argumentaram que embora a dedutibilidade fiscal seja desejável, no Brasil ela estaria sujeita à corrupção e seria difícil de ser certificada. Outros ainda argumentaram a favor de um imposto sobre a herança mais alto, ou em geral apenas aumentando os impostos para as pessoas ricas.



Acho que há muitas entidades brasileiras, a maioria delas é muito pequena, impulsionada por uma pessoa ou um pequeno grupo e sempre com dificuldades. Mas realmente existem poucas boas organizações maiores. As organizações não se reúnem porque cada uma delas acha que faz melhor e o faz à sua maneira. Eu acho que há uma grande oportunidade de reunir essas organizações, para trabalharem juntas pela mesma causa, em escala muito maior, muito mais eficientes. Isso é algo que poderíamos melhorar muito. – Filantropo

Acho que muitos filantropos querem fazer suas próprias iniciativas para não olhar para o lado e tentar ver que há alguém fazendo a mesma coisa, e se eles podem aderir. Talvez eles devessem parar e pensar no porquê de começar uma nova fundação. As pessoas estão começando a pensar mais sobre isso. – Filantropo

Eu decidi que queria fazer doações desde o início. Assim, com meus filhos, fizemos pesquisas e chegamos a quatro áreas. E contratei profissionais para fazer isso da maneira correta. Pensei que estávamos entrando em um lugar onde já há muitas pessoas lá dentro. O que vamos fazer e com quem vamos nos unir? – Filantropo

Três de nós unimos forças e fomos os doadores de sementes apenas para começar essa iniciativa filantrópica em particular. É preciso que haja um agrupamento de recursos. Não pode haver nenhum ego na filantropia. Vejo muito lentamente a colaboração crescer, mas as necessidades são muito grandes. – Filantropo

Acho que há muitas pessoas fazendo o bem, mas cada uma está fazendo sua própria ação. É como se você tivesse muitas pessoas indo para uma praia, mas cada uma está em um único barco. Seria muito mais eficiente compartilhar um barco maior com muitas pessoas. Não é só no Brasil; a filantropia passa por isso em todo o mundo. – Filantropo

Às vezes depende de como o filantropo começa, se ele faz seu próprio projeto e tem sua própria ideia para seu próprio ego ou se ele está pensando maior. Estamos pensando no melhor que podemos fazer? Onde podemos realmente fazer uma mudança? Preciso trabalhar em conjunto com outros e trazer todos a bordo para que os resultados sejam muito maiores. Mas conheço muitas pessoas que preferem aquele pequeno projeto que não vai mudar nada. Acho que a colaboração está crescendo, mas está crescendo muito lentamente. – Filantropo

Eu acredito na excelência e na colaboração. Quando se busca a excelência e se colabora com o melhor, os resultados aparecem. Isso é algo que acredito que está mudando no Brasil, especialmente nas fundações maiores. – Filantropo

Muitas das fundações falam sobre colaboração, e dizem que estão se apoiando mutuamente. Todos querem se elogiar mutuamente, mesmo que não tenham feito nada de real juntos. – Profissional





**A ideia de colaboração é que eu tenho meu projeto e vou procurar outro filantropo para que ele possa investir em meu projeto.
Mas a colaboração não é isso. – Profissional**

Estamos em uma discussão com outra família – eles estão fazendo algo semelhante, mas ainda não está claro como poderíamos colaborar. Mais do que o ego de ter seu nome, é a ideia de que esta é minha iniciativa e cada lado pensa que o outro deve se render às suas iniciativas. E é mais complicado do que uma família fazer tudo sozinha, o que teria certos resultados. – Profissional

Eles não podem colaborar, mesmo por dentro é realmente difícil porque a maioria das organizações precisa garantir que haverá atribuição ao seu trabalho. Mas se você olhar para os desafios sistêmicos, é impossível enfrentá-los sozinho. Você pode trazer sua singularidade em uma parte do trabalho, e ter outras complementares com pesquisa, defesa, educação pública, campanhas ou comunicações. Mas a colaboração não acontece o suficiente, pois é muito difícil. – Profissional

As pessoas querem ser protagonistas. Querem dizer: “Oh, eu fiz isso”. Isso gera muitas ineficiências porque você replica múltiplas estruturas e não é totalmente crítico quanto aos resultados, pois é o seu próprio projeto. Você não quer analisá-lo independentemente e descobrir o que está errado, então você continua financiando-o. Acho que a colaboração aumentaria a eficiência e a responsabilidade, pois múltiplos doadores desejariam medir o desempenho dos esforços filantrópicos. – Profissional

Como financiador, você não tem que criar seu próprio projeto. Você pode financiar outros, apoiar a diversidade no campo e expandir o número de organizações que trabalham em determinadas agendas. Quando você cria seu próprio projeto, você está competindo com organizações que já têm mais experiência e às vezes você tem duas organizações executando projetos muito semelhantes. E porque não temos colaboração, isso implica desperdício de dinheiro. – Profissional

Eu mudaria a maneira como as pessoas trabalham juntas. – Filantropo

Eu melhoraria o modelo de colaboração. Para que as pessoas se sentassem e dialogassem mais, para colocar as coisas em primeiro plano. É difícil, pois em nossa cultura as pessoas não são diretas. Não é apenas mais dinheiro que precisamos, é uma mudança de cultura.
– Profissional

Enquanto o Brasil não criar condições e incentivos para que as pessoas ajudem, não conseguiremos absolutamente sair do estágio em que estamos.

Não é possível deduzir isso de seu imposto de renda. É uma coisa sobre a qual o governo nada faz, poderia criar condições para que as pessoas se envolvessem em filantropia. – Filantropo

Gostaria de uma colaboração mais profunda, rumo a uma mudança sistêmica e menos polarização dentro do setor filantrópico. Uma escuta mais profunda, e ter essa capacidade de compreender diferentes visões e compreender que a diversidade não se resume apenas ao gênero e à raça. Trata-se também de um ponto de vista. As pessoas só se aproximam daquelas com as quais podem se relacionar, e isso não nos trará os melhores resultados. – Profissional

Vamos tributar enormes fortunas, e vamos dar mais incentivos para a doação. Somos um dos três únicos países do mundo que tributam as doações. Se não colocarmos algum tipo de incentivo para construir uma sociedade melhor, isso não vai acontecer. – Profissional

Se você tem dinheiro e morre, a herança é transmitida à sua família sem pagar quase nada. Por outro lado, se você tem 40% de impostos, é muito melhor ter uma fundação, porque assim você pode continuar com o nome de sua família como fundação. Eu aumentaria o imposto sobre a herança para criar um incentivo para a criação de fundações. – Profissional



Concentrar-se em aumentar a colaboração significativa, como o cofinanciamento ou o financiamento em comum, ou em um mínimo de esforços de alinhamento



33 de 42

Melhoria do ambiente jurídico e fiscal para a filantropia, mas as recomendações específicas relativas à tributação variaram



Colaborações filantrópicas com filantropos e fundações brasileiras

Abaixo estão vários exemplos de colaborações que envolvem fundos comuns com a participação de pelo menos um financiador filantrópico do Brasil. Diversos tópicos são abordados, incluindo desenvolvimento infantil e fim da violência contra crianças, mudança climática, preservação, educação, mudança social e justiça social. Essa lista não é, de forma alguma, completa.

Co-Impact

A Co-Impact é uma colaboração filantrópica global estabelecida no final de 2017, que fornece e apoia alianças com raízes locais, trabalhando para alcançar impacto em escala no Sul Global. Para alcançar esse objetivo, líderes com ideias potentes precisam do tamanho e da natureza do apoio para ir além de intervenções singulares e permitir que se concentrem em mudanças sistêmicas profundas. A Co-Impact tem um filantropo brasileiro dentro de sua comunidade de doadores e, em geral, mais de 45 filantropos de 16 países diferentes que reuniram centenas de milhões de dólares. A Co-Impact está financiando diversas iniciativas no Brasil nos temas de educação e igualdade de gênero.

www.co-impact.org

End Violence Against Children

Formalmente chamada de Global Partnership and Fund to End Violence Against Children (Parceria Global e Fundo para Acabar com a Violência contra Crianças), é uma plataforma de defesa coletiva baseada em evidências e ações, criada pelo Secretário Geral das Nações Unidas em 2016. Constitui uma aliança de mais de 700 organizações incluindo ONGs, fundações, instituições de pesquisa e grupos do setor privado, todos trabalhando juntos para alcançar o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 16.2: acabar com todas as formas de violência contra crianças até 2030. Diversos filantropos brasileiros fazem parte dela, incluindo o Instituto Alana e a Fundação José Luiz Egidio Setubal, e no Brasil eles trabalham em conjunto com muitas outras organizações, bem como o Governo do Brasil.

www.end-violence.org/partners

Grupo Mulheres do Brasil (Women of Brazil Group)

Criado em 2013, por 40 mulheres de diversas origens, o grupo busca envolver-se com a sociedade civil e promover mudanças no Brasil. Ao promover a mudança, também visa estimular e incentivar a participação feminina em suas diferentes áreas de trabalho, que incluem a expansão do acesso ao trabalho, à segurança, à educação e à saúde para todos. O grupo é presidido pela empresária e filantropa Luiza Helena Trajano, e inclui mais de 98.000 membros em todo o Brasil e internacionalmente. Durante a pandemia da Covid-19, o grupo e a sua presidente foram creditados pela mobilização das comunidades em todo o Brasil para os esforços de vacinação.

www.grupomulheresdobrasil.org.br/nossa-historia/

Instituto Clima e Sociedade

O Instituto Clima e Sociedade, fundado em 2015, consolidou uma grande rede de parcerias com o objetivo de incentivar o diálogo e construir soluções para a iminente crise climática por meio de boas práticas econômicas, ambientais e sociais. O instituto trabalha com diversas organizações filantrópicas nacionais e internacionais, incluindo o Instituto Arapyá e é membro do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE) e da Rede Filantrópica para a Justiça Social. Eles trocam experiências e aprendizados, e exploram o cofinanciamento com outras instituições.

www.climaesociedade.org/parceiros/

Núcleo Ciência Pela Infância (NCPI)

Fundado em 2011, o NCPI é uma aliança que reúne seis organizações com diversas metas e especializações, todas trabalhando em questões da primeira infância. Juntas, elas são capazes de fornecer recursos financeiros, infraestrutura e apoio técnico e estratégico a iniciativas voltadas para o desenvolvimento da primeira infância. Os parceiros incluem instituições acadêmicas brasileiras, incluindo a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e o Insper, bem como fundações filantrópicas como a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, e financiadores internacionais.

www.ncpi.org.br/en-us/workstreams/brazilian-center-for-early-child-development/

Iniciativa de Conservação do Pantanal sem fins lucrativos

A Associação Onçafari foi criada para promover a conservação ambiental e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico das regiões em que atua por meio do ecoturismo e estudos científicos. Essa iniciativa envolve a compra de áreas estratégicas ou ameaçadas da região do Pantanal no Brasil para garantir sua preservação por meio da gestão da Onçafari. Vários filantropos brasileiros apoiam conjuntamente essa iniciativa, incluindo Teresa e Cândido Bracher, Roberto Klabin, bem como pelo menos três outros filantropos entrevistados nesta pesquisa.

www.oncafari.org/o-oncafari/

Rede de Filantropia para a Justiça Social, que passou a se chamar Rede Comú

Criada em 2012, a rede reúne fundos, fundações e doadores, todos mobilizando recursos para apoiar grupos, conjuntos, movimentos e organizações da sociedade civil que trabalham nos campos da justiça social, direitos humanos, cidadania e desenvolvimento comunitário. Ao se envolver coletivamente com esses diferentes atores, a rede também permite produzir e compartilhar conhecimentos, assim como o monitoramento comum das iniciativas. A rede inclui o Fundo Baobá, o Fundo Social ELAS+, o Fundo Casa Social Ambiental, o Instituto Clima e Sociedade e mais de uma dezena de outras iniciativas. Todos eles são exemplos de filantropia colaborativa em ação.

www.redefilantropia.org.br/

Todos pela Educação

Fundada em 2006, Todos pela Educação é uma organização da sociedade civil com o objetivo de transformar a educação primária no Brasil, promovendo e exigindo políticas públicas educacionais que garantam a igualdade de aprendizado e oportunidades para a juventude do país. Com o objetivo de ser independente do poder político para desafiá-lo e promover mudanças, a organização é financiada inteiramente por fontes privadas, que incluem mais de 30 organizações filantrópicas. Entre elas estão o Itaú Social, a Fundação Lemann, a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal e a Fundação Roberto Marinho, assim como outras organizações filantrópicas como a Arredondar. Seus serviços foram elogiados pela Global Giving, que a classificou entre as principais organizações do mundo em 2021 e 2022.

www.todospelaeducacao.org.br/

9. Promovendo a filantropia



Promover o aprendizado e o desenvolvimento de filantropos, promover uma cultura de doação e aumentar a visibilidade dos modelos filantrópicos também poderia levar a um crescimento significativo.

Promovendo uma cultura de doação

O campo “iniciativas de promoção da filantropia no Brasil”, descreve uma série de iniciativas com o objetivo de aumentar a doação filantrópica no Brasil, incluindo algumas dedicadas a promover uma cultura de doação. Elas compreendem mecanismos inovadores, assim como associações, compromissos e movimentos. Elas estão focadas em filantropos ricos e também em profissionais e doadores de classe média.

A necessidade de promover uma cultura de doação desde a juventude foi enfatizada pela maioria dos entrevistados (32 em 42) que também notaram a ausência de pressão social para a doação. Alguns filantropos explicaram que muitas vezes eles

se conhecem socialmente em ambientes de um certo nível de riqueza, mas não conhecem realmente os projetos filantrópicos uns dos outros porque não é o foco de suas conversas. Alguns profissionais ressaltaram que os filantropos não querem se expor a mais pedidos de captação de recursos e apresentaram a ideia de que se os indivíduos ricos entendessem o quanto suas vidas diárias poderiam ser melhores, eles doariam mais. Tem havido um esforço conjunto de várias organizações para promover uma maior doação. Alguns entrevistados comentaram sobre a importância de ensinar uma cultura de doação desde a juventude e alguns deles compararam isso com o que haviam observado nos EUA.

Fomentando o aprendizado e desenvolvimento de filantropos

A maioria dos entrevistados (32 de 42) viu a necessidade de fomentar o desenvolvimento dos filantropos. Os filantropos aprendem e se desenvolvem, às vezes começando pela caridade, mas avançando para formas mais estratégicas de filantropia, com abordagens mais institucionalizadas e profissionais ao longo do tempo. Muitos aprendem se envolvendo profundamente na filantropia, além de fornecer o financiamento. Da reduzida lista de 21 filantropos, cada um deles se envolveu além da assinatura de cheques, a maioria se envolveu pessoalmente e alguns contrataram profissionais para se envolverem em seu nome. A maioria dos adultos geralmente aprende fazendo, portanto, é importante incentivar as pessoas a terem experiências que as exponham à realidade das pessoas necessitadas e as aproximem para ver como os outros passam pela vida. O engajamento em experiências particulares, como viagens de aprendizagem ou visitas ao local pode ter um efeito profundo, assim como ter

uma conexão e interação mais profunda com empreendedores sociais. Além disso, muitos filantropos também passaram por treinamento e procuraram conselhos de colegas ou conselheiros de confiança e experientes, especialmente ao começar. Quase todos os filantropos entrevistados falaram sobre seus próprios processos de aprendizagem.²⁹

Alguns também comentaram como entre os filantropos, apenas alguns escolheram ser filantrópicos apesar de terem uma educação semelhante. Além disso, apenas filantropos experientes se envolvem em mudanças sistêmicas de acordo com um relato diferente.¹⁷ Com efeito, a jornada pessoal do filantropo e sua vontade de apoiar a mudança sistêmica exige um certo compromisso com o desenvolvimento pessoal de sua parte para assumir seu próprio papel e responsabilidade no próprio sistema que eles pretendem mudar.¹⁸



No início, eu ajudei com o que eles pediram e foi apenas doando o dinheiro. Eu não sabia se poderia medir o impacto. Só mais tarde o tornamos mais institucional, com planos anuais e alcançando escala e pensando em influenciar o sistema. – Filantropo

Muitas pessoas estão fazendo muitas coisas, mas às vezes, e aqui estou falando de mim mesmo, eu não quero falar sobre isso. Eu acredito na humildade. Conheci aquela senhora em um almoço e a vi socialmente, mas não sei nada sobre sua filantropia. Ela está trabalhando em um tema difícil. – Filantropo

Vejo algumas famílias tentando demonstrar que estão fazendo algo. No entanto, as pessoas têm medo que outros se aproximem delas na rua e peçam dinheiro. É melhor ter uma fundação corporativa. Não fale comigo - minha empresa está fazendo todo esse belo trabalho. – Profissional

Inicialmente fiquei um pouco preocupado, pois pensei que eles só me queriam por causa do meu dinheiro. E então percebi que o maior valor que eu posso contribuir para esta organização sem fins lucrativos é minha experiência como gerente para ajudá-los a criar um plano de negócios, para comunicar melhor, para ganhar mais adeptos. – Filantropo

O que mais me influenciou foi a abordagem comercial. Você sempre tenta aumentar as coisas, para crescer no próximo ano, para fazer mais. – Filantropo

As pessoas se conhecem socialmente porque sabem quem são, ou de que família são, mas raramente falam de sua filantropia. Eu sempre pergunto enquanto tento descobrir se existem algumas sinergias. Mas acredito que há uma pequena bolha, pois mesmo para eventos de arrecadação de fundos sempre as mesmas pessoas vão e sempre as mesmas pessoas dão. – Filantropo

No Brasil, eles não sentem necessariamente a pressão social como nos EUA. Se você falar números, eles provavelmente ficarão envergonhados. Preferem mostrar ao vizinho o helicóptero ou a nova casa de férias, mas quando se trata de filantropia, não existe esta cultura.” – Filantropo

Alguns estudos mostram muito concretamente o quanto as pessoas ricas se beneficiam quando a sociedade fica melhor. Como sua vida cotidiana seria mais rica se vivessem em um país com menos desigualdade, menos pobreza e, portanto, menos violência, mais segurança. – Profissional

Estes doadores querem fazer uma mudança rápida, pois elas provêm dos negócios. Muitos vão para os problemas menores em determinadas regiões, para que os resultados sejam úteis em um período de tempo que lhes seja favorável. – Profissional





Eu faço muito junto com minha família, escolho projetos em que posso me envolver e esse envolvimento pessoal é fundamental. É muito fácil fazer uma doação, e depois virar as costas. Quando você se envolve, abre uma grande porta, e depois só aumenta. – Filantropo

Algumas pessoas estudam para serem filantropos. Eu também fiz cursos, para fazê-lo corretamente, pois você tem uma enorme responsabilidade de gastar este dinheiro para obter o melhor impacto. Esquecemos que educar os que têm é tão importante quanto ajudar os que não têm.
– Filantropo

Há um paradigma que é capacitar filantropos para que entendam seu espaço, seu lugar, seu poder e seus desafios. – Profissional

E eu vejo essas famílias ricas e como elas são pobres em experiência como se estivessem tão protegidas, e nós vivemos e trabalhamos em nossas bolhas com medo de sermos roubados ou algo assim. – Profissional

Eu estava levando as pessoas uma a uma, para visitar a realidade nas favelas. Tive um advogado muito importante que se sentou no chão e chorou porque viu uma menina, da mesma idade que sua filha, em uma situação absolutamente inaceitável. Porque vemos televisão sobre a Ucrânia, sobre a Etiópia, sobre crimes no Brasil etc., mas psicologicamente, tudo está no mesmo pacote na TV e está longe mesmo que seja apenas um quilômetro de distância. – Filantropo

Temos o desafio de conectar a grande filantropia com empresários de baixa renda no Brasil, pois eles não falam uns com os outros, especialmente com empresários fora de São Paulo. Algumas organizações organizam viagens de campo e elas podem ser transformadoras para filantropos. – Profissional

O salário mínimo não é suficiente para viver. Por que não pagamos mais se podemos arcar com isso? Isso seria muito melhor filantropia do que simplesmente doar. Além disso, trata-se de um dos fundamentos que se baseia em um negócio, se você observar os caminhoneiros fora das fábricas, começaria lá um projeto social para ajudá-los, pois eles estão sendo terrivelmente tratados.” – Filantropo

Estar disposto a fazer filantropia sistematicamente requer um nível de desenvolvimento pessoal e isso não lhe dá nenhum benefício imediato, mas é o que nós precisamos. – Filantropo

Notei isso há alguns anos porque todos os meus irmãos e irmãs viram meu pai fazer isso também e não doam tanto. Se eu peço ajuda, eles o fazem, mas é diferente. Acho que é uma missão em minha vida.
– Filantropo

Está crescendo a sensação de que estamos todos interligados por causa da pandemia. E todas estas questões ambientais que são levantadas nos ajudam a pensar que a natureza se nutre de uma forma muito interconectada, e não devemos aceitar que a duas milhas daqui as pessoas estejam passando fome. – Filantropo

Meu caminho intuitivo me levou por um caminho de conexão, vínculos, provas e mobilização para o poder. Reunir as pessoas certas para pensar em estratégias e falar com o governo para poder escalar e produzir mudanças sistêmicas. Por que a filantropia não é capaz de se comprometer com algo que é estrutural?. – Filantropo

A filantropia para mim é uma autorrealização de que somos parte do sistema e precisamos ter autoconsciência. Não se doa por obrigação. Você doa porque entende que faz parte do mundo que você cria, e tenta resolver problemas ou ajudar em áreas ligadas ao seu propósito de vida e ao que é necessário ao mundo. – Profissional

”

Aumentando a visibilidade dos modelos filantrópicos

A importância de dar mais visibilidade aos modelos filantrópicos também foi observada por 26 dos 42 entrevistados. Enquanto discutem modelos que podem ajudar a promover mais filantropia, alguns afirmaram que a razão de não serem públicos é ou por modéstia e humildade ou, em outros casos, por considerações de segurança. Uma filantropa questionou claramente essas opiniões e explicou que todos sabem que já são ricos e que ela se sente muito mais segura quando doa dinheiro do que quando não doa porque se ela é rica e não faz nada pelo seu país, isso é muito pior.

A intensificação dos modelos é uma das melhores maneiras de promover e inspirar os outros a fazerem mais filantropia. E garantir que para as pessoas ricas se torne socialmente desejável o engajamento em filantropia. Quando perguntados sobre quais são os filantropos ou fundações brasileiras mais admirados(as), a maioria dos entrevistados se une em torno de um punhado de filantropos e suas fundações, mas eles só são conhecidos dentro dos círculos filantrópicos. Seria útil explorar como oferecer reconhecimento adicional de uma forma culturalmente aceitável que possa levar a inspirar outros.

“

Não queremos ser excessivamente públicos sobre nossa doação, por isso somos mais reservados, e não queremos receber créditos ou algo parecido, porque realmente penso porque o fazemos pela causa e não pelo nosso ego. Na verdade, eu nem sequer me considero um filantropo. – Filantropo

Levei 20 anos para chegar a um acordo com isso. É o meu dinheiro, o dinheiro da minha família, mas não se trata de dizer: “Oh, olhe para mim!” Mas, sim de inspirar os outros. Ouvi dizer que existe uma ideia religiosa que não se deve falar em doação. Mas às vezes devemos. – Filantropo

Os grandes filantropos no Brasil não são tão conhecidos porque a filantropia ocupa um espaço muito pequeno em suas vidas. Eles não reconhecem seu poder ou se veem como sendo capazes de intervir, influenciar e agir como modelos para os outros.
– Profissional

**Se você tiver mais organizações pressionando para isso, você terá mais pessoas fazendo isso e mais modelos, então outras pessoas vão seguir. Elas o farão se virem seus pares fazendo isso.
– Profissional**

Para 70% da lista da Forbes, não sabemos nada sobre a filantropia deles. Talvez eles estejam fazendo isso silenciosamente. Mas é bom para você dizer que você doa, pois isso pode inspirar outros. – Profissional

”

Sim, os modelos são importantes e eu tenho muitos em minha vida que me inspiraram. Mas o problema é que muitos dos bons filantropos não querem aparecer nem por razões de segurança nem porque não querem estar na primeira página. Não estou fazendo isso para receber um aplauso. – Filantropo

Há sempre uma necessidade de reconhecimento e o pensamento do legado. Precisamos reconhecer os filantropos de forma a torná-los também socialmente aceitáveis e desejáveis para doarem mais. – Filantropo

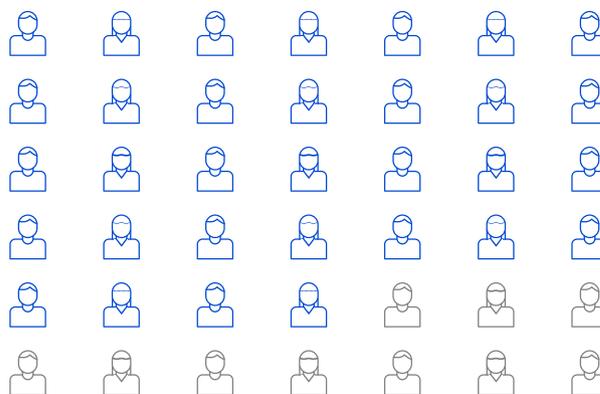
32 de 42

Fomentar o aprendizado e desenvolvimento de filantropos por meio de envolvimento e experiências pessoais, desenvolvimento da consciência, e treinamento e aconselhamento



32 de 42

Promover uma cultura de doação desde jovem e tornar socialmente desejável o engajamento em filantropia.



26 de 42

Aumentar a visibilidade dos modelos filantrópicos que podem inspirar outros, mas alguns preferem permanecer privados devido à modéstia ou preocupações de segurança



Iniciativas de promoção da filantropia no Brasil

Esse campo inclui várias iniciativas que visam aumentar a doação filantrópica no Brasil, tais como mecanismos inovadores, assim como associações, compromissos e movimentos. O foco são os filantropos ricos e também os profissionais e doadores de classe média. Algumas iniciativas que foram descontinuadas por várias razões também estão incluídas.

Arredondar

Fundada em 2011, a Arredondar é uma ONG que visa expandir a cultura de doação no Brasil e fortalecer a sustentabilidade financeira de ONGs certificadas que trabalham em uma série de desafios sociais e ambientais. Por meio de uma plataforma inovadora e transparente, foi criado um canal em que os clientes do varejo podem arredondar suas compras e doar os centavos restantes para suas ONGs parceiras, gerando assim, coletivamente, um impacto social e ambiental. Estão trabalhando com uma ampla gama de parceiros nos setores tecnológico, jurídico, físico e de negócios de varejo on-line. O sucesso dessas parcerias e de seus serviços em geral resultou no recebimento de vários prêmios, inclusive do Google Impact Challenge e do Fundo BIS.

www.arredondar.org.br/

Confluentes

Fundada em 2019, a Confluentes é uma plataforma que tem como objetivo fortalecer a filantropia individual no Brasil. Essa plataforma reúne doadores individuais e ONGs com capacidade comprovada e alto potencial de transformação para buscar melhores resultados na luta contra as desigualdades sociais. Por meio dessas interações, não somente fornecem a seus parceiros estratégias, apoio e soluções comprovadas de gestão para enfrentar os desafios sociais, mas também fortalecem o trabalho em rede dentro do grupo filantrópico e em direção a agentes transformadores dentro da sociedade brasileira. Em sua curta história, já foram apoiadas seis organizações juntamente com seus parceiros institucionais que incluem o Instituto Betty e Jacob Laffer e o Instituto Ibirapitanga.

www.confluentes.org.br/

Generation Pledge

A Generation Pledge, cofundada em 2018 por uma brasileira, Marina Feffer, constitui uma comunidade com o objetivo de melhorar a quantidade e a qualidade das doações filantrópicas globalmente. O foco é obter uma promessa de herdeiros ricos que se comprometam a doar uma parte de sua herança para causas sociais efetivas, ao mesmo tempo em que mobilizam seu capital pessoal econômico, social, profissional e político para produzir um impacto maior. Essas iniciativas buscam promover esforços coletivos para "reduzir o sofrimento e aumentar o florescimento, ao mesmo tempo em que abordam os riscos sociais e existenciais ambientais". Até agora, o grupo reuniu recursos garantidos por 87 indivíduos em 25 países, que representam cerca de \$ 1,5 bilhões de dólares a serem doados.

www.generationpledge.org/

Movimento Bem Maior (MBM)

Fundado em 2018, o Movimento Bem Maior é uma organização social apartidária e sem fins lucrativos que tem como objetivo fortalecer o ecossistema filantrópico no Brasil. Sua missão é construir pontes, pois acreditam em uma sociedade em que todos são corresponsáveis. A organização investe, apoia e viabiliza iniciativas que atuam sobre as raízes da desigualdade social brasileira. Estabelece parcerias e tece redes para promover a cultura da doação e multiplicar o impacto positivo sobre as causas no Brasil. Atua investindo em ideias com alto impacto sistêmico, identificando pontos de alavancagem, apoiando lideranças fortes, centrando aprendizagem e adaptação, valorizando contextos propícios, dialogando com os principais atores e permitindo que as ideias se desenvolvam, se espalhem e evoluam.

www.movimentobemmaior.org.br/

Movimento por uma Cultura de Doação (MCD)

O Movimento por uma Cultura de Doação foi criado em 2012 e formado por indivíduos e empresas que se organizaram voluntariamente, de forma informal e orgânica, para semear e germinar ideias para promover a doação no Brasil. Seu objetivo é inspirar e mobilizar pessoas e organizações para que o doar faça parte da cultura brasileira. Suas cinco diretrizes estratégicas são educar para uma cultura de doação, promover narrativas envolventes, criar as condições favoráveis à doação e a infraestrutura do setor, fortalecer a sociedade civil e fortalecer o ecossistema para promover uma cultura de doação. O Dia de Doar e o Fundo BIS, são exemplos de iniciativas apoiadas pelo MCD.

www.doar.org.br/

Outras iniciativas que foram descontinuadas

O Instituto Azzi foi fundado por Marcos Flávio Azzi em 2007, com o objetivo principal de reduzir as desigualdades econômicas no Brasil, melhorando e expandindo a cultura de doação através de um foco em resultados estratégicos. O Instituto Azzi trabalhou com pessoas e famílias ricas desde a identificação de suas motivações e objetivos até a seleção, verificação e financiamento efetivo de organizações com bom desempenho. O objetivo era expandir as práticas de doação no país para o desenvolvimento social e ambiental. Ao longo desta descobriu-se que o referido instituto fechou as portas. Da mesma forma, o Instituto Geração, fundado por Daniela Nascimento Fainberg em 2007, como a primeira organização no Brasil a focar em jovens privilegiados e incentivá-los e ajudá-los a repensar seu papel em relação à promoção de mudanças sociais. Ofereceu a esses indivíduos espaços nos quais, juntamente com seus pares, puderam ampliar seu entendimento das realidades sociais no Brasil e desenvolver iniciativas de ação social individual ou coletiva. Infelizmente, o Instituto Geração fechou há alguns anos, embora alguns dos indivíduos envolvidos continuem a oferecer consultoria a pessoas ricas.

Compromisso com a filantropia brasileira

Em 2010, Bill Gates e Warren Buffet criaram o movimento Giving Pledge para encorajar pessoas ou famílias ricas a doar pelo menos 50% de sua riqueza a causas sociais. Há também a iniciativa Pledge 1% lançada em 2014, que está construindo um movimento de filantropia corporativa e pede aos signatários que se comprometam com 1% do patrimônio, tempo, produto e lucro. Apenas um brasileiro aderiu a qualquer um destes movimentos, o empresário Elie Horn. Nesse contexto, o Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS) tem se empenhado em um trabalho contínuo para criar um compromisso brasileiro, com um percentual inferior a 50%, focado em pessoas e famílias brasileiras ricas.

www.givingpledge.org/

www.pledge1percent.org/

10. Perspectivas futuras



Existe a esperança de que a filantropia possa ter um impacto mais significativo e sustentável para um Brasil justo com oportunidades para todos.

A prática da filantropia a longo prazo

Embora este estudo esteja focado no que a filantropia no Brasil poderia fazer, é importante refletir sobre o fato de que já existem vários filantropos e fundações que estão contribuindo generosamente, que adotaram uma mentalidade de mudança sistêmica que está sendo trabalhada para desenvolver ainda mais o setor. Nas discussões com os entrevistados, um ponto-chave de reflexão foi se o Brasil precisaria para sempre de filantropia. Enquanto surgiram opiniões diferentes e alguns

filantropos mencionaram que o objetivo de suas fundações era ficar sem negócio, a visão geral era que a filantropia teria um lugar na sociedade brasileira por muito tempo. No entanto, espera-se que seu papel não seja o de garantir a saúde, educação, oportunidades econômicas, proteção do meio ambiente, ou para enfrentar desigualdades históricas, mas sim o de se concentrar na busca do talento humano, como a pesquisa científica, as artes, ou a filosofia.

Razões para acreditar no futuro do Brasil

Generosidade de certas famílias e indivíduos.

Aumento do **desejo** por uma **sociedade mais inclusiva**.

O progresso do Brasil como **democracia** e na **redução da pobreza**.

Profissionalização do **setor filantrópico** em geral.

Resiliência e **fortalecimento** contínuo da **sociedade civil**.

Reação de todo o país **durante a pandemia de Covid-19**

Desejo de mudanças de mentalidade e de comportamento

Os desejos de muitos filantropos também se concentraram em mudar as mentalidades, atitudes e ações de pessoas ricas. Isto incluiu aumentar sua doação, compreender suas responsabilidades e se envolver plenamente, e pensar de forma mais coletiva e menos individualista. Por sua vez, os profissionais

e especialistas queriam que os filantropos experimentassem fazer parte de um grupo que enfrenta discriminação estrutural, aumentando seu foco nas mudanças estruturais, e aumentando a consideração pelo legado que querem deixar para o país.

Imaginando o que o Brasil poderia ser

Foram citados muitos motivos para acreditar no futuro do Brasil, a começar pela generosidade de certas famílias e pessoas, o aumento do desejo de uma sociedade mais inclusiva e o enorme progresso que, apesar de tudo, o Brasil fez como democracia e em termos de redução da pobreza. Os entrevistados colocaram sua esperança na próxima geração de filantropos e trouxeram novas perspectivas, assim como

a resiliência e o contínuo fortalecimento da sociedade civil. Além disso, citaram também a profissionalização do setor filantrópico em geral e a reação de todo o país durante a pandemia de Covid-19.



Acredito que a filantropia pode sempre ser aplicada. Não tenho certeza se em minha vida chegaremos a um mundo em que não precisamos de filantropia.
– Filantropo

A filantropia ocupa sempre um lugar estrutural em qualquer sociedade. Não acredito que se o Brasil fosse um país mais justo, poderia dispensar a filantropia. Há 30 anos, as pessoas não falavam sequer dos direitos LGBT. Amanhã falaremos de outros tipos de direitos, portanto sempre existirá a necessidade de filantropia.

– Profissional

Em sociedades tradicionais e em sociedades mais desenvolvidas existe filantropia há muito tempo, mas ela não está focada no básico da vida da população. Geralmente são as artes, as ciências, algum nível de filosofia e o financiamento de coisas que são boas para a humanidade. – Profissional

Eu mudaria a mentalidade das pessoas ricas para entender suas responsabilidades. – Filantropo

Gostaria que eles soubessem o que significa ser uma mulher negra indígena - ou qualquer outro grupo que enfrenta discriminação estrutural. Porque acho que isso criaria muito mais empatia e compreensão.

– Profissional

Que eles se envolvam olhando para o legado que queremos deixar para este país. Que problemas e qual é a visão do país que queremos construir para um Brasil com resiliência e qual é o seu papel como filantropos. – Profissional

**Não consigo imaginar o Brasil sem filantropia e isso levaria muito tempo.
– Filantropo**

O primeiro desejo é que as pessoas ricas decidam realmente fazer mais filantropia; o segundo é que as pessoas entendam que filantropia não é apenas doar dinheiro, mas é doar seus talentos para as comunidades nas quais trabalham. E terceiro, que elas entendam que ao se envolverem em projetos filantrópicos, ficarão viciadas e desejarem fazer mais. – Filantropo

Pessoas ricas para pensar mais coletivamente e não apenas individualmente. Ter um país mais patriótico em que se pensa no todo e não apenas em si mesmo. – Filantropo

Eu mudaria a mentalidade dos filantropos brasileiros. Eu tentaria torná-los centrados no ser humano, focados nas mudanças estruturais e pacientes com o processo. – Profissional

Eu daria às pessoas o que lhes foi roubado, internamente, e lhes permitiria viver em qualquer lugar como cidadãos com uma vida boa e digna. – Filantropo





Nossa democracia acabou de ser testada até o limite e sobreviveu. Portanto, isso me dá esperança. Estou muito orgulhoso, como brasileiro, por ter sobrevivido. É a nossa democracia muito imperfeita, mas é a nossa democracia. – Filantropo

Tenho esperança de que a próxima geração aprenda mais sobre o que está acontecendo no mundo em filantropia também, tentando levá-la adiante por meio de uma maneira mais moderna de fazer as coisas. Da geração de meu pai à geração de meus filhos, houve um enorme salto em termos de fundações eficientes e filantropia. – Filantropo

Tenho esperança quando vejo algumas das famílias ricas do Brasil que têm muito dinheiro, e são atores muito importantes, e estão fazendo filantropia no Brasil. Elas têm a chave, talvez, para mudar a mente de outra pessoa ou para inspirar outras também. – Profissional

Tudo o que falamos, uma sociedade civil independente e resiliente, mais doação, caminhando para a confiança, valorizando a sabedoria das comunidades locais, tudo isso está crescendo e isso só pode ser bom. Sim, está mudando lentamente, mas isso me dá esperança. – Profissional

Um Brasil em que as pessoas tenham uma vida digna. Onde a lei funciona para todos. A saúde funciona para todos igualmente. E os direitos humanos básicos são os mesmos para todos e há responsabilidade. – Filantropo

Um país que respeita as pessoas, um país sem pobreza.
Uma comunidade, isso é fabuloso. – Filantropo

O Brasil seria uma sociedade justa, que também é divertida e feliz, pois temos tanta diversidade, estamos cheios de música, cor e cultura. – Filantropo

**Um país em que as pessoas podem viver bem em qualquer parte do país exercendo sua cultura e seu modo de vida.
– Profissional**

Uma sociedade que assume seu papel com empatia e respeito, e que trabalha coletivamente para criar um país justo, com ética e identidade. Um Brasil que não é mais pobre e que pode ensinar outros países a fazer o mesmo. Este é o meu sonho. Sei que não o verei em minha vida, mas não importa, eu trabalho todos os dias para construir um país como esse. – Profissional

Teríamos então um paraíso na Terra.
– Filantropo

”

Observações

Autora

Silvia Bastante de Unverhau é especialista em filantropia global e executiva com mais de 20 anos de experiência trabalhando nos setores de negócios, desenvolvimento internacional, organizações sem fins lucrativos e governamentais. Ela tem ampla experiência em concessão de subsídios para educação, saúde, oportunidade econômica, direitos humanos e igualdade de gênero, além de permitir que filantropos e fundações utilizem seus investimentos para um impacto positivo. Ela é escritora e palestrante na área da filantropia e foi citada pelas principais publicações, incluindo o Financial Times e a Forbes.

Silvia é autora ou colaboradora de artigos sobre mudanças sistêmicas e filantropia global, e artigos com foco regional na África Subsaariana (Quênia, Nigéria e África do Sul), América Latina (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México e Peru), Nórdicos (Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia), China e países do Conselho de Cooperação do Golfo (Bahrain, Kuwait, Omã, Qatar, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos).

Silvia fornece serviços de consultoria e assessoria filantrópica

a filantropos e organizações filantrópicas pela Braymont. Ela é consultora sênior da Co-Impact, uma colaboração global focada em mudanças sistêmicas e igualdade de gênero. Ela também é Consultora Sênior da LGT Philanthropy Advisory e leciona o Curso de Estudos Avançados em Filantropia Estratégica e Operacional na Universidade de Genebra. Entre os cargos anteriores estão o de Diretora de Filantropia da Co-Impact, Chefe de Assessoria Global de Filantropia da UBS em Zurique, e sócia do Monitor Group em Londres. No início de sua carreira, ela ocupou cargos gerenciais na Organização dos Estados Americanos em Washington DC, na Secretaria Internacional da Anistia Internacional em Londres, e trabalhou no Escritório do Presidente do Peru em Lima.

Silvia formou-se em Economia e Ciência Política na London School of Economics and Political Science (LSE), com bacharelado em Governança e Economia, e tem mestrado em Administração Pública (MPA) pela Harvard Kennedy School (HKS) em Cambridge, Massachusetts, onde ela também se destacou no programa Mason Fellow.

Agradecimentos

Antes de tudo, quero agradecer a Cristiane Sultani, uma filantropa brasileira visionária e generosa que está promovendo cada vez mais a filantropia em seu país.

Quero também agradecer a todos aqueles que generosamente concordaram em ser entrevistados para esta pesquisa: Cássio Aoque, Prof. Mário Aquino Alves, Saulo Barreto, Marcio Black, Leticia Born, Beatriz Bracher, Teresa Bracher, Celia Cruz, Angela Dannemann, Andre Degenszajn, Paula Jancso Fabiani, Cassio França, Dario Guarita Neto, Graciela Hopstein, Elie Horn, Marcia Kalvon Woods, Christian Klotz, Ricardo Leal, Susanna Lemann, Mariana Luz, Carola Matarazzo, Inês Mindlin Lafer, Liana de Moraes Neto, Marcos de Moraes, Regina Moraes,

Silvia Morais, Joana Lee Ribeiro Mortari, Tati Piva, Philippe Prufer, Paulo de Rezende, Monica Rosales, Filipe Sabará, Greta Salvi, Graciela Selaimen, Dr. José Luiz Egydio Setúbal, Maria Alice (Neca) Setúbal, Rose Setúbal, Cristiane Sultani, Ana Toni, Luiza Helena Trajano, Nina Valentini e Patricia Villela Marino.

Minha gratidão vai para aqueles que contribuíram para este projeto de diferentes maneiras, seja abrindo suas redes, seja compartilhando suas próprias percepções, experiências e encorajamento: Nina Hoas, Miriam O. Hyman, Julia Kleiser, Dra. Luciana Lucena de Lima, João Vitor Oliveira De Souza, e Priscila Pasqualin.

Pesquisa

As entrevistas foram realizadas entre 24 de agosto e 1º de dezembro de 2022, com 42 entrevistados, sendo 21 filantropos e 21 profissionais e especialistas. Destas, 24 por teleconferência e 16 realizadas pessoalmente, com duração entre 45 e 60 minutos,

Dentre os filantropos, haviam 13 mulheres e 8 homens, dos quais 6 eram "próxima geração". A maioria mora em São Paulo e

Rio de Janeiro, 1 na América do Norte e 2 na Europa.

Dentre os profissionais e especialistas, haviam 14 mulheres e 7 homens. A maioria mora em São Paulo e Rio de Janeiro, 2 na América do Norte.

Entre os 42 entrevistados, apenas três poderiam ser considerados não brancos do ponto de vista da aparência.

Notas finais

¹ World Bank, Population, total - Brazil, 2021.

² Chatham House, Democracy in Brazil, 2021

³ United Nations Development Programme (UNDP), Human Development Insights, 2021.

⁴ German Alarco Tosoni, Concentration of Wealth in Latin America in Times of Covid-19. Harvard Review of Latin America, 2022.

⁵ World Bank, Gini Index, World Bank, 2020.

⁶ World Bank, Population, total - Brazil, 2021.

⁷ Group of Institutes, Foundations and Companies (GIFE), Censo GIFE 2009-2010, 2010, p. 8.

⁸ Adjusted for inflation measured by the consumer price index (CPI) for Brazil from OECD 2023, Inflation (CPI) indicator.

⁹ Group of Institutes, Foundations and Companies (GIFE), Censo GIFE 2020, 2021, p. 29.

¹⁰ See, Paula D. Johnson et al., From Prosperity to Purpose Perspectives on Philanthropy and Social Investment among Wealthy Individuals in Latin America – Brazil Chapter, Harvard University, 2015, p.3-4, and Ana Biglione and Joana Mortari, A contemporary look into philanthropy | Regenerative Giving Practices, Philó Práticas Filantrópicas, 2022, p.5-6.

¹¹ 131 members answered the census. See Group of Institutes, Foundations and Companies (GIFE), Cens GIFE 2020, 2021, p. 9 and p.28.

¹² This report uses the higher GIFE as the basis for this estimate, as Paula D. Johnson et al., in the Global Philanthropy Report from 2018 used a smaller figure of US\$ 900 million and focused only on a subset of institutional foundations.

¹³ According to Giving USA, the Annual Report on Philanthropy for the Year 2021, reports that individuals, bequests, foundations and corporations gave an estimated 484.85 billion to US charities in 2021, as quoted by The Indiana University Lilly Family School of Philanthropy in their article.

¹⁴ The US represents about 25% of the world economy while it is one of the countries with most data on philanthropy, so three times the US figure seems reasonable. Another estimate comes from the report Funding trends 2022: Climate change mitigation philanthropy by the ClimateWorks Foundation which estimates total philanthropic giving worldwide to be US\$ 810 billion in 2021. However, the basis for this estimate is not evident. A lower estimate comes from Paula D. Johnson et al., in the Global Philanthropy Report from 2018, which claims that among the 157,064 foundations in 23 countries and Hong Kong from its cohort, annual expenditures topped US\$ 150 billion. But this is only institutional philanthropy and the study disclaimed that here are certainly a greater number of philanthropic institutions globally.

- ¹⁵ World Bank, GDP (in current US\$) - Brazil, World Bank, 2021.
- ¹⁶ Giacomo Tognini, The Countries With the Most Billionaires 2021, Forbes, 2021.
- ¹⁷ Total 2,755 billionaires around the world. Ibid.
- ¹⁸ Ana Biglione and Joana Mortari, What the pandemic told us about giving, GIFE, 2021, p.3.
- ¹⁹ Charities Aid Foundation (CAF), World Giving Index 2022: A global view of giving trends, March 31 2022, p. 21.
- ²⁰ Paula D. Johnson et al., From Prosperity to Purpose Perspectives on Philanthropy and Social Investment among Wealthy Individuals in Latin America – Brazil Chapter, Harvard University, 2015, p.6.
- ²¹ 70% of survey respondents in 2015 stated it is a current giving priority, see Paula D. Johnson et al., From Prosperity to Purpose Perspectives on Philanthropy and Social Investment among Wealthy Individuals in Latin America – Brazil Chapter, Harvard University, 2015, p.9.
- ²² Paula D. Johnson et al., From Prosperity to Purpose Perspectives on Philanthropy and Social Investment among Wealthy Individuals in Latin America – Brazil Chapter, Harvard University, 2015, p.13.
- ²³ Ibid., p.6.
- ²⁴ See the website for the Trust-based Philanthropy Project.
- ²⁵ See the websites of the Partnership for Economic Inclusion and of the Stanford Basic Income Lab and also consider the role that the government program Bolsa Familia had in reducing poverty in Brazil from 13% to 3% in the period from 2003 to 2015 according to a case study from 2019 from the Centre for Public Impact, a BCG Foundation.
- ²⁶ Paula D. Johnson et al., From Prosperity to Purpose Perspectives on Philanthropy and Social Investment among Wealthy Individuals in Latin America – Brazil Chapter, Harvard University, 2015, p.15-16.
- ²⁷ See Perspectives for Brazilian Philanthropy in 2022 where the Institute for Development of Social Investment (IDIS) noted that collaborative and partnership work was increasing.
- ²⁸ Silvia Bastante de Unverhau et al., Promoting Higher-Impact Philanthropy: What We've Learned, Co-Impact, p.7-9.
- ²⁹ Ana Biglione, and Joana Mortari, What the pandemic told us about giving, GIFE, 2021, p.12.

Bibliografia

Abdal, Alexandre; Alves, Mário Aquino; Nogueira, Fernando do Amaral; Pineda, Andréa; Campos Pedro Henrique; Calixto, Guilherme and Campos, Gisele. Pesquisa Comportamental Sobre Doadores de Alta Renda, Conectas e CEAPG, 2019.

www.doadoresaltarenda.conectas.org/assets/files/relatorio.pdf

Andrade E Silva, Allyne and Hopstein, Graciela, Is decolonising philanthropy making headway?, Alliance Magazine, September 6, 2022. Barreto, Saulo, Combate à pobreza é urgente, mas não podemos ter pressa, Fast Company Brazil, May 18 2022.

www.alliancemagazine.org/feature/is-decolonising-philanthropy-making-headway/

Bastante de Unverhau, Silvia; Harling, Anna-Marie and Leland, Olivia, Promoting Higher-Impact Philanthropy: What We've Learned, Co-Impact, November 2021. www.fastcompanybrasil.com/impacto/combate-a-pobreza-e-urgente-mas-nao-podemos-ter-pressa/

Biglione, Ana and Mortari, Joana Lee Ribeiro, What the pandemic told us about giving, GIFE, 2021.

www.sinapse.gife.org.br/download/what-the-pandemic-told-us-about-giving

Biglione, Ana, Mortari, Joana Lee Ribeiro, A contemporary look into philanthropy | Regenerative Giving Practices, Philó Práticas Filantrópicas, 2022. www.philopraticasfilantropicas.com.br/_files/ugd/eebba4_71e31ec66ffa427daf9e4827d7918458.pdf

Black, Marcio, Las agendas antirracistas y la humanidad de la sociedad brasileña, El País, September 30, 2022.

www.elpais.com/opinion/2022-09-30/las-agendas-antirracistas-y-la-humanidad-de-la-sociedad-brasilena.html

Center For Public Impact, Case Study on Bolsa Familia in Brazil, Center For Public Impact, September 2, 2019.

www.centreforpublicimpact.org/case-study/bolsa-familia-in-brazil

Charities Aid Foundation (CAF), World Giving Index 2022: A global view of giving trends, CAF, March 31, 2022.

www.cafonline.org/docs/default-source/about-us-research/caf_world_giving_index_2022_210922-final.pdf

Chatham House, Democracy in Brazil, Chatham House, August 17, 2021.

www.chathamhouse.org/2022/08/democracy-brazil

Desanlis, Helene; Lau, Tim; Janik, Karolina; Suttner, Stephanie; and Menon, Surabi, Funding trends 2022: Climate change mitigation philanthropy, ClimateWorks Foundation, October 2022.

www.climateworks.org/report/funding-trends-2022/

Group of Institutes, Foundations and Companies (GIFE), Censo GIFE 2009-2010, GIFE, 2010.

www.sinapse.gife.org.br/download/censo-gife-2009-2010

Group of Institutes, Foundations, and Companies (GIFE), Censo GIFE 2020, GIFE, 2021.

www.sinapse.gife.org.br/download/censo-gife-2020

Hopstein, Graciela and Ribeiro, Mônica C., O papel da filantropia na transformação da sociedade,

Le Monde Diplomatique Brasil, August 2, 2022. www.diplomatique.org.br/o-papel-da-filantropia-na-transformacao-da-sociedade-1/

Hopstein, Graciela et al., Executive Summary Activity Report 2018-2020 Brazilian Philanthropy Network for Social Justice, Rede de Filantropia para a Justiça Social, 2020.

www.redefilantropia.org.br/_files/ugd/c1667c_1d00464a825f46ebdbfb9a3f2d614ee4.pdf

Hopstein, Graciela et al., Relatório Executivo 2021, Rede de Filantropia para a Justiça Social, 2021.

www.redefilantropia.org.br/relatorio-executivo-2021

Johnson, Paula Doherty; Letts, Christine; Kelly, Colleen; Argote Aviva Paula, From Prosperity to Purpose Perspectives on Philanthropy and Social Investment among Wealthy Individuals in Latin America – Brazil Chapter, Hauser Institute for Civil Society, Harvard University, 2015. www.cpl.hks.harvard.edu/files/cpl/files/hauser_-_ubs_brazil.pdf?m=1435172058

Johnson, Paula D., Global Philanthropy Report: Perspectives on the global foundation sector, Hauser Institute for Civil Society, Harvard University, 2018. www.cpl.hks.harvard.edu/files/cpl/files/global_philanthropy_report_final_april_2018.pdf

OECD, Inflation (CPI) (indicator) OECD, 2023. www.data.oecd.org/price/inflation-cpi.htm

Partnership for Economic Inclusion, accessed December 10, 2022. www.basicincome.stanford.edu/about/what-is-ubi/

Piva, Tatiana, Rico de quê? Pobre de quê? A riqueza de entrar em relação, published originally in Vozes do MCD, August 26, 2022. www.doar.org.br/post/rico-de-quê-pobre-de-quê-a-riqueza-de-entrar-em-relação

Pledge Times, Entrepreneurs buy land to form a preservation 'corridor' in the Pantanal - Istoé Dinheiro, Pledge Times, September 19 2022. Rajani, Rakesh, Bastante de Unverhau, Silvia et al., Co-Impact Handbook, Co-Impact, July 2021. www.pledgetimes.com/entrepreneurs-buy-land-to-form-a-preservation-corridor-in-the-pantanal-istoe-dinheiro/
www.co-impact.org/wp-content/uploads/2021/09/Handbook-2021-ENG.pdf

Salomão, Alexa, Empresários se unem para elevar doações no Brasil no pós-pandemia. Folha de São Paulo, April 25, 2022. www.folha.uol.com.br/mercado/2022/04/empresarios-se-unem-para-elevar-doacoes-no-brasil-no-pos-pandemia.shtml

Sklair, Jessica, Brazilian Elites and their Philanthropy: Wealth at the Service of Development, Routledge, November 5, 2021. <https://rb.gy/l5oo7>

Stanford Basic Income Lab, accessed December 10, 2022. www.basicincome.stanford.edu/

Souza, Maria Amalia, Where are Brazil's civil society funders?, Alliance Magazine, September 6, 2022. www.alliancemagazine.org/analysis/where-are-brazils-civil-society-funders/

The Indiana University Lilly Family School of Philanthropy, Giving USA: Total U.S. charitable giving remained strong in 2021, reaching \$484.85 billion, The Indiana University Lilly Family School of Philanthropy, June 21, 2022. <https://rb.gy/0ll70>

The Institute for Development of Social Investment (IDIS), Perspectives for Brazilian Philanthropy in 2022, IDIS, March 9, 2022. Tognini, Giacomo, The Countries With the Most Billionaires 2021, Forbes, April 6, 2021. www.idis.org.br/en/2022/03/09/perspectives-for-brazilian-philanthropy-2022/

Tognini, Giacomo, The Countries With the Most Billionaires 2021, Forbes, April 6, 2021. www.forbes.com/sites/giacomotognini/2021/04/06/the-countries-with-the-most-billionaires-2021/?sh=20eb9e18379b

Tosoni, German Alarco, Concentration of Wealth in Latin America in Times of Covid-19, Harvard Review of Latin America, March 24, 2022. www.revista.drclas.harvard.edu/concentration-of-wealth-in-latin-america-in-times-of-covid-19/

Trust-based Philanthropy Project, accessed November 7, 2022. www.trustbasedphilanthropy.org/

United Nations Development Programme (UNDP), Human Development Insights, UNDP, 2021. www.hdr.undp.org/data-center/country-insights/#/ranks

Vialli, Andrea, Como grandes empresas, empreendedores, filantropos e ONGs estão inovando para combater a pobreza, Época Negócios, August 12, 2022. www.epocanegocios.globo.com/Inovadores/noticia/2022/08/como-grandes-empresas-empreendedores-filantropos-e-ongs-estao-inovando-para-combater-pobreza.html

Villela Marino, Patrícia and Villela Marino, Ricardo, We All Have a Stake in What's Next: Dispatches From Brazil, The Chronicle of Philanthropy, August 19, 2020. www.philanthropy.com/article/we-all-have-a-stake-in-whats-next-dispatches-from-brazil

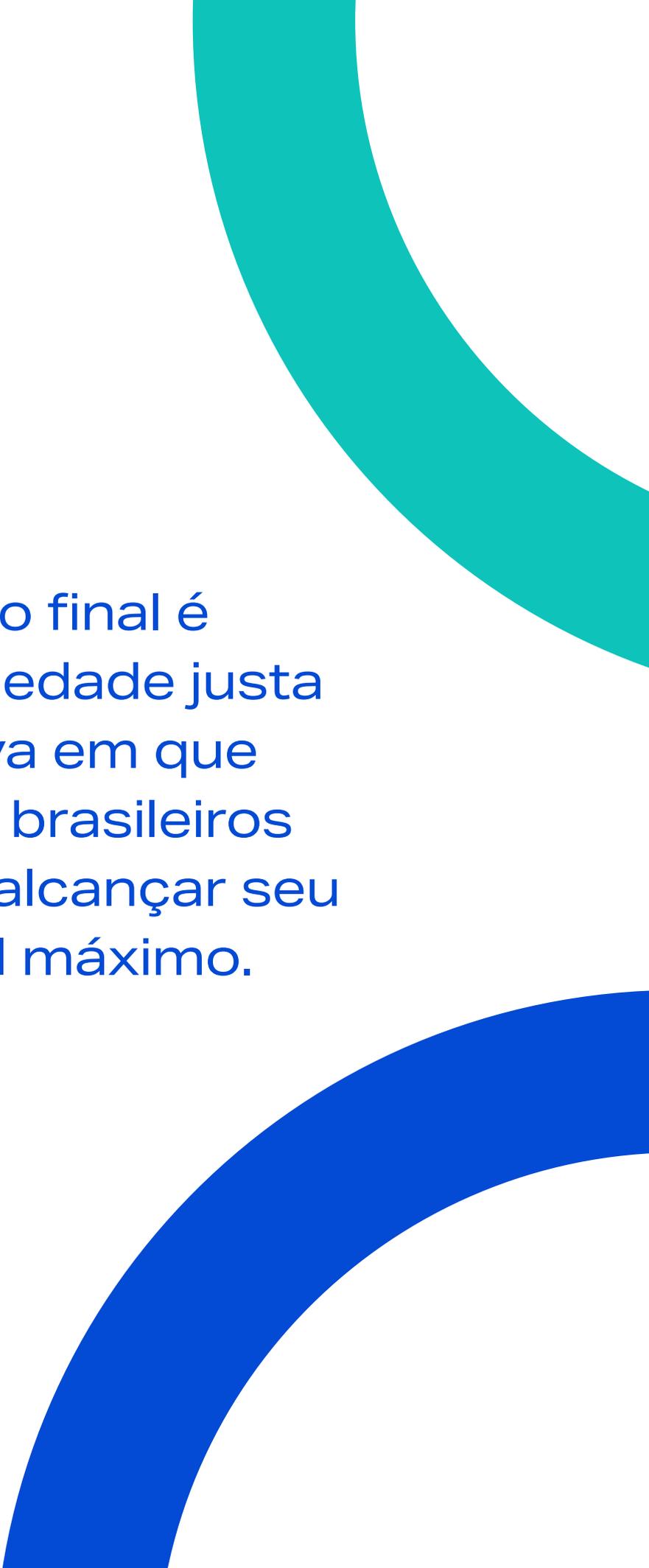
World Bank, GDP (current US\$) - Brazil, World Bank, 2021. www.data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?locations=BR

World Bank, GDP (current US\$) - World, World Bank, 2021. www.data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?locations=1W

World Bank, Gini Index, World Bank, 2020. www.data.worldbank.org/indicator/SI.POV.GINI

World Bank, Population, total - Brazil, World Bank, 2021. www.data.worldbank.org/indicator/SP.POPTOTL?locations=BR





O objetivo final é
uma sociedade justa
e inclusiva em que
todos os brasileiros
possam alcançar seu
potencial máximo.



Saiba mais em:
www.institutobeja.org/pr/filantropando



Copyright

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International Public License. You are free to Share—copy and redistribute the material in any medium or format or Adapt—remix, transform, and build upon the material, under the following terms: a) Attribution—You must give appropriate credit and acknowledge Silvia Bastante de Unverhau's authorship of this document, provide a link to the license, and indicate if changes were made. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use and b) NonCommercial—You may not use the material for commercial purposes.